

ILUSTRAÇÃO

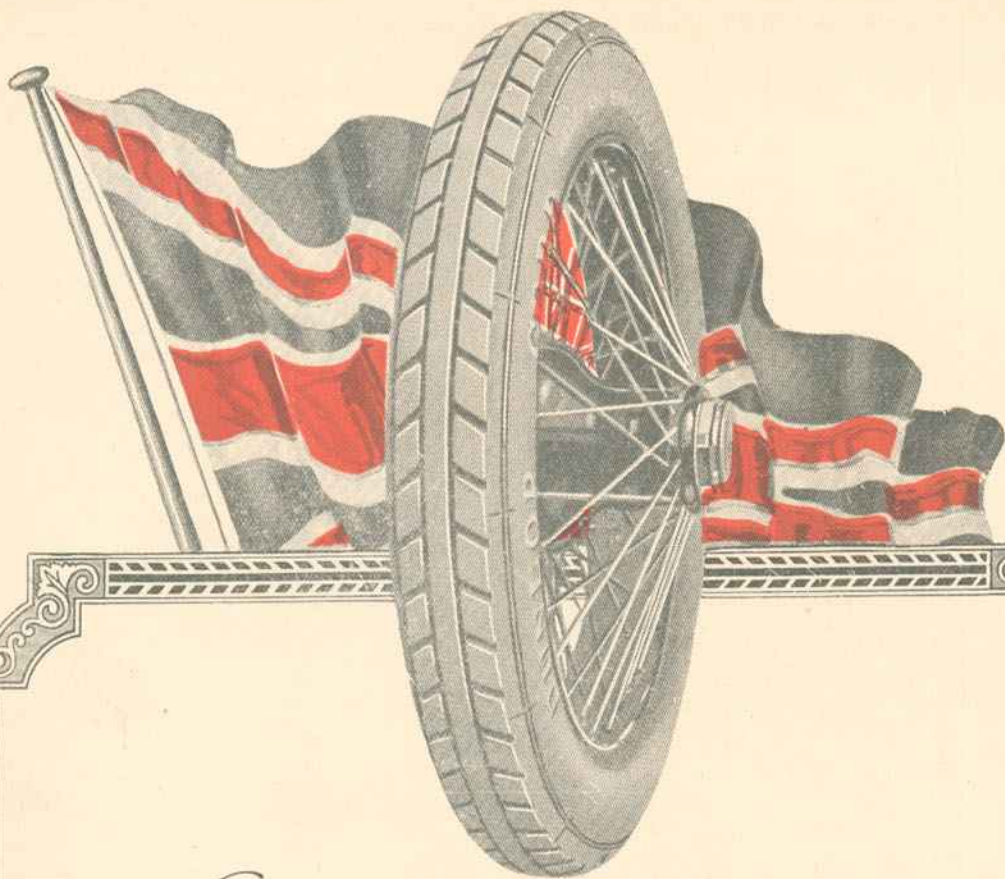


1.º ANO — Número 6

Lisboa, 16 de Março de 1926

PREÇO 4,700

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



O famoso pneu Dunlop Cord montado na roda d'arame Dunlop

É com a kilometragem que se põe á prova um pneu, e é particularmente n'este ponto que o pneu DUNLOP mostra a sua supremacia sobre todos os outros pneus.

O DUNLOP CORD é um producto completo de manufactura ingleza, e actualmente obtem-se com este pneu o dobro da kilometragem que se conseguia antes da guerra.

calce Dunlop e ficarà satisfeito

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

DEPOSITARIOS GERAES

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7, 1.^o

LISBOA

GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.^A

Rua dos Clerigos, 6

PORTO

O maior paquete a motor do Mundo

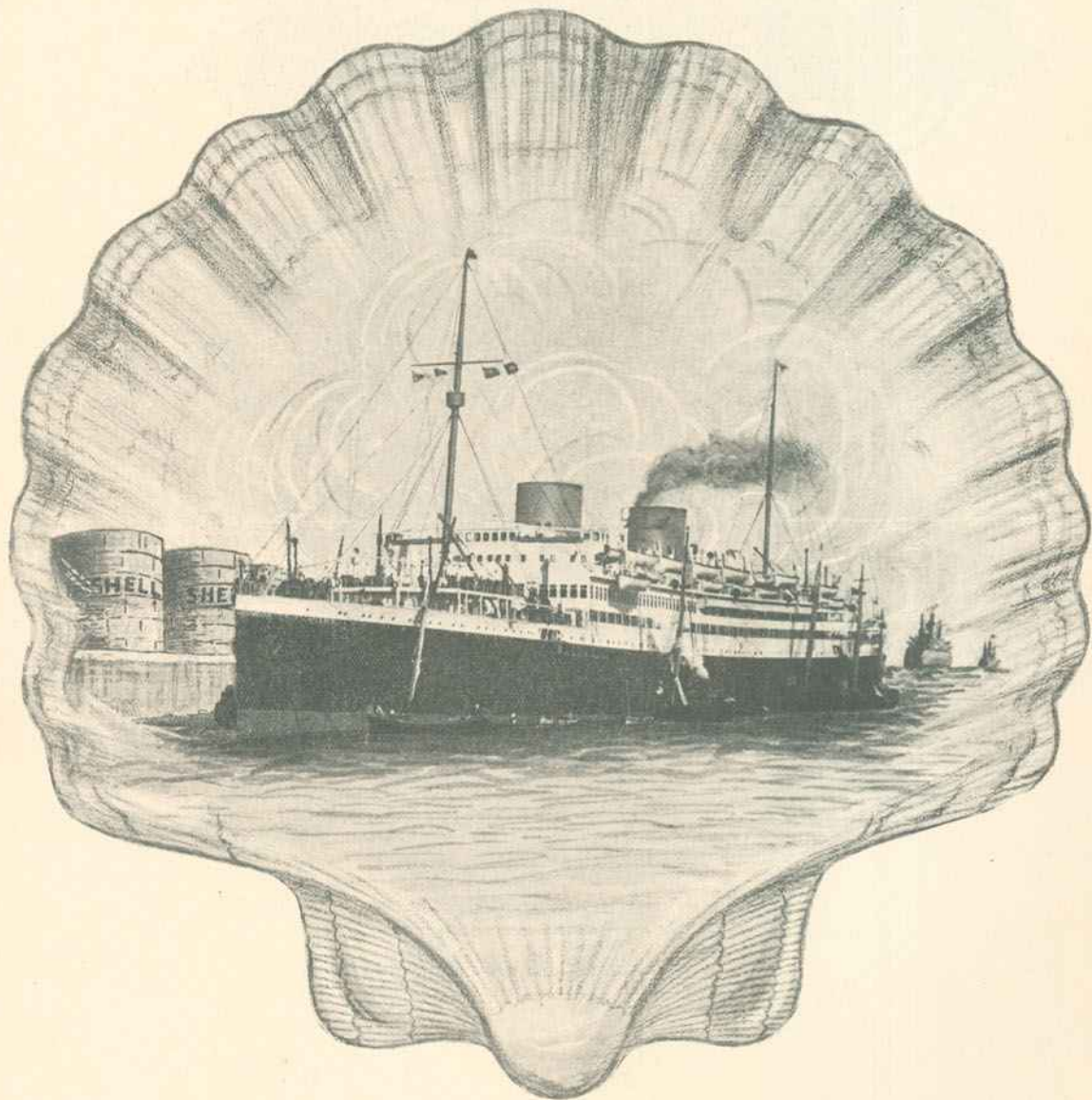
R. M. S. P. "ASTURIAS"

22.500 Toneladas

20.000 — H. P

Alimentado exclusivamente
com o COMBUSTIVEL

SHELL

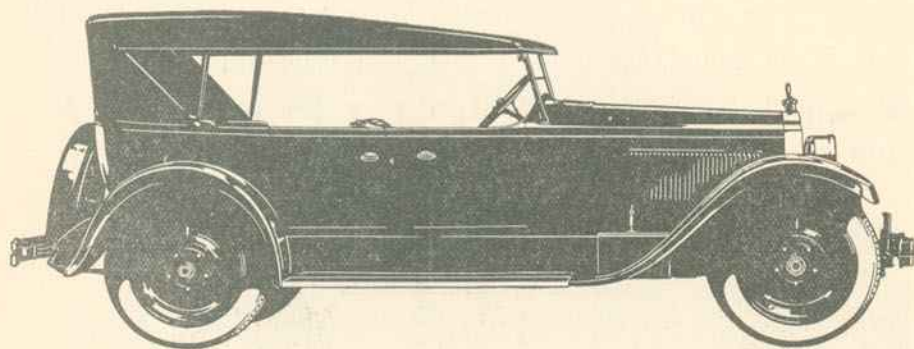


OLEOS Lubrificantes e Combustiveis SHELL

THE LISBON COAL OIL & FUEL CO. LTD.

NÃO COMPREM SEM NOS CONSULTAR

Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA PORTO, FIGUEIRA DA FOZ, VIANA DO CASTELO, FARO



O AUTOMOVEL PREFERIDO
DOS CONHECEDORES

Packard

SALÃO D'EXPOSIÇÃO

4. Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

OREY ANTUNES & C.^ª, L.^{da}

LISBOA PORTO

AUTOMOVEIS

SALMSON

Torpedo SALMSON 7 H. P. de 4 logares, com travões ás 4 rodas, chassis de pontas reforçado de quadro fechado, com molas inteiras á frente e meia-cantélever atrás.

Motor monobloco de 4 cilindros, com $62 \frac{m}{m}$ de alesage e $90 \frac{m}{m}$ de course, cilindrada 1086^{cmc.} e valvulas colocadas na parte superior comandadas por colbuteurs.

5 RODAS, CALÇADAS COM PNEUS CONFORT 715×115

CONTA-QUILOMETROS, RELOGIO, AMORTISSEURS, MI-SE-EN-MARCHE E ILUMINAÇÃO ELECTRICA.

SALMSON 7 H. P. O carro mais economico.

6 LITROS DE GAZOLINA E 100 GRAMAS D'OLEO AOS 100 QUILOMETROS.

SALMSON 7 H. P. o carro mais rapido do mundo na sua categoria.

ARPAJON em 11 de Outubro de 1925, Record do mundo do quilometro lançado, a 182 QUILOMETROS 232 METROS Á HORA.

S. SEBASTIAN em Setembro de 1925 — Primeiro premio do Circuto em estrada de 531 quilometros, com a media fantastica de 100 quilometros á hora.

Unicos concessionários para Portugal e Colónias

ARMANDO CRESPO & C.^A

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA

AUTOMOVEIS

CAMIONS

MORRIS

MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD

MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.

A CHEGAR MODELOS DE 1926

Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. — Todos os accessorios dos melhores fabricantes inglezes. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). — 4 tipos de chassis — 11 tipos de carroserie.

AGENTES EXCLUSIVOS
PARA
PORTUGAL E COLONIAS

A. M. ALMEIDA LIMITADA

Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA



Use diariamente os productos
RAINHA DA HUNGRIA
 e todos os da
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Massagem estética. Manual e vibratória. — Tratamentos de alta frequência. — Pintura dos cabelos. Ondulação Marcelle e permanente com o aparelho GALLIA. — Manucure.

LISBOA

AVENIDA DA LIBERDADE, 23

Tele | fone: NORTE 3641
 | gramas: BELLEZAK

RIO DE JANEIRO

RUA 7 DE SETEMBRO, 166

Tele | fone: CENTRAL 1701
 | gramas: BELLEZAK

CHIC

A casa moderna portuguesa
tem agora um factor mais de
bem estar que é o sistema

Lux



ELA: Sim, gosto imenso, mas tem-me dito que ha outros mais baratos?

ELE: Sim... ha, mas este é um "LUX".

ELECTRO LUX L.^{DA}

Praça dos Restauradores, 72

Telefone: Norte 4157

LISBOA

Avenida dos Aliados, 54

Telefone: N.º 2033

PORTO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

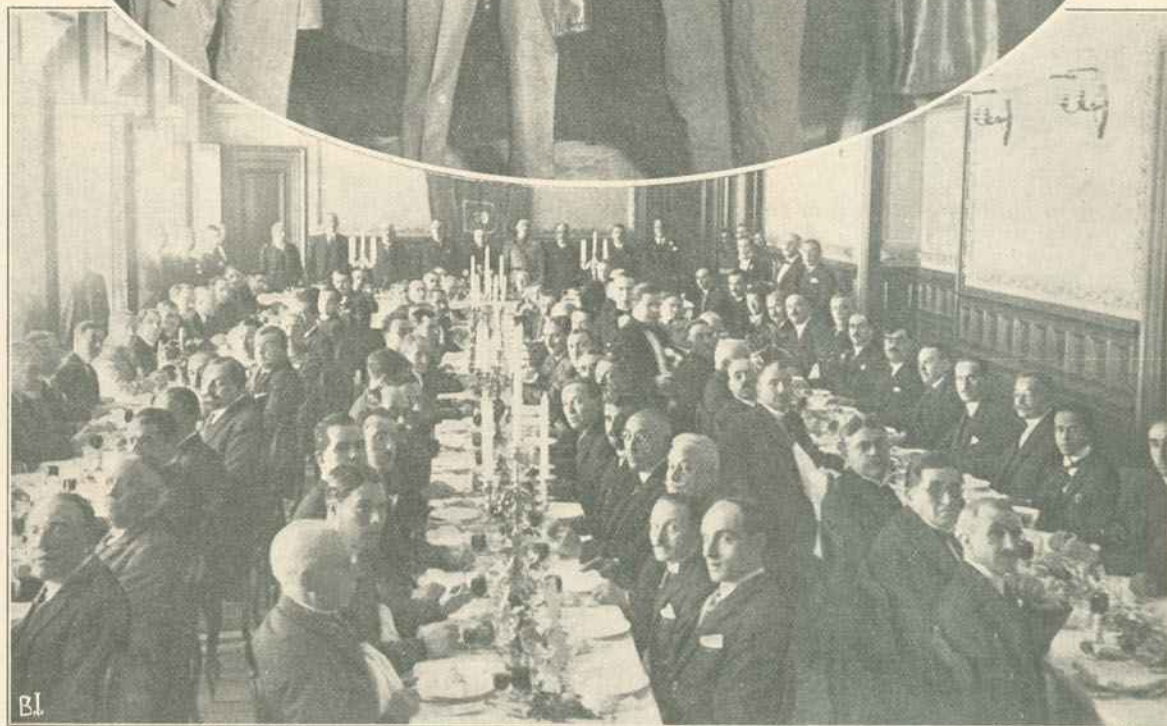
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.^o — NÚMERO 6

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE MARÇO DE 1926



Festas da aviação portuguesa. — Os arts. tenente Paes Ramos, major Sarmiento Beires, capitão Castilho e alferes Manuel Gouveia, que, em viagem de estudo dos processos da navegação aérea, efectuaram um brilhante raid, da Amadora a Casa-Blanca e volta, cobrindo cada um desses percursos em 4 horas apenas

No almoço de homenagem ao sr. dr. Ginstal Machado, graduado membro do Partido Republicano Nacionalista, realizado em 28 de Fevereiro no Palácio Mayer. — Reunião de convivas alegres, — quem ousaria prever que já ali andava o gérmen da acção que, poucos dias depois, iria quebrar violentamente a unidade do referido grupo político?!

CRÓNICA DA QUINZENA

Foi uma lamentável desordem o Congresso do Partido Nacionalista, o mais desordeiro de quantos tem havido de há quinze anos a esta parte.

Por via de regra discute-se apaixonadamente nas Assembléas políticas, e da paixão à violência a distância é curta. Menos que o sentimento religioso, mas bastante mais que qualquer outro, o sentimento político arma os homens uns contra os outros, tornando-os facilmente possessos dum sectarismo feroz, incapaz de raciocinar. Todo o segundo quarteirão do século passado, na história portuguesa, foi cheio pelas chamadas lutas liberais, guerra política em que se encontraram frente a frente, com as armas na mão, espumando raivas, conspurcados de ódio, os filhos da mesma terra, fiéis da mesma Igreja, adoradores do mesmo Deus, herdeiros das mesmas tradições, amigos e parentes que na defeza da Pátria comum, quasi na véspera, tinham corrido juntos a sorte das batalhas.

Sem dúvida a Política é uma Ciência; mas também é uma Arte, e se como Ciência ainda não é capaz de impor disciplina às Inteligências, como Arte é singularmente própria a pôr em conflito as Vontades.

As desavenças entre os Partidos, na vigência da Monarquia Constitucional, obliterando nos homens a noção duma solidariedade que daria às lutas partidárias o aspecto duma cooperação, todos visando o mais alto objectivo, e cada qual procurando realisá-lo por maneira diferente, essas desavenças tornaram quasi estéril o labor dumhas poucas de gerações e prepararam um Futuro, para a Nação, que em pouco difere do Passado. A luta sem grandeza, baixa nos seus processos e mesquinha nos seus intuitos, desmoralisa os combatentes, que acabam por voltar contra si, numa espécie de loucura suicida, as armas que brandiam contra os adversários.

O que há de singular no caso do Congresso Nacionalista, digno de ser registado nesta crónica, é que a desordem não teve origem numa discussão apaixonada de princípios, doutrinas ou processos, uns querendo uma coisa e outros querendo outra, ou querendo todos a mesma coisa, mas por maneiras contrárias, irreduzivelmente antagónicas.

Compreender-se-hia que a patxão levasse o Congresso até ao tumulto, à desordem, discutindo-se, por exemplo, se a República deve ser parlamentarista ou presidencialista; se o ensino religioso deve ser permitido nas escolas, públicas e particulares, podendo fazê-lo as Congregações; se o Congresso da República deve ser constituído por uma só ou por duas Câmaras, sendo certo que o maior partido da República, o Democrático, num dos seus Congressos já preconizou a abolição do Senado, ficando o nosso País, a este respeito, equiparado ao Luxemburgo, e não ignorando, certamente, o leitor, que o regime unicameral é o que mais facilmente permite ao Poder Executivo exercer a ditadura por conta duma Assembléa irresponsável.

Com certeza havia no Congresso homens de ideias avançadas, e não seria estranho que, suscitado um debate sobre se deve a democracia económica sobrepor-se à democracia política, os

espíritos se exaltassem até à desordem, uns querendo que se mantenha, nas fórmulas do velho direito, a propriedade individual, outros querendo que se entre desde já, francamente, abertamente, no regime da propriedade comunitária.

Está em discussão, no Parlamento, o orçamento geral do Estado, e não ficaria mal ao Congresso Nacionalista definir pontos basilares dessa discussão, traçando directivas que os seus parlamentares deveriam seguir, sem abdicção dos seus irrecusáveis direitos de análise e crítica, sem a conecção dum mandato imperativo. Porque não havia o Congresso afirmar que não é tolerável que se destine o maior volume das receitas públicas a sustentar a força armada, sendo pobremente dotada a instrução, miseravelmente dotada a Assistência, votadas a um criminoso abandono as estradas em todas as provincias, em todos os districts, deixando que se perca um capital que é das maiores parcelas da fortuna pública?

Pois bem. Se a este propósito se travasse discussão acalorada, que chegasse até à desordem, a magnitude do assunto, a importância do objectivo prosseguido tornaria simpática a exaltação dos espíritos.

Seria natural que no Congresso se discutisse este ponto fundamental — se o Partido deve ser um comparsa, a fazer permanentemente o papel de opposição a governos democráticos, ou se lhe compete governar quando as circunstâncias o inculcarem para o Governo. Implicitamente ficaria assim posto um grave problema de tática partidária, não sendo de estranhar que a paixão exaltasse os ânimos até à desordem, tendo a Assembléa de resolver se o Partido deve aguardar, pacientemente, que o Poder lhe caia nas mãos hoje ou amanhã, em dia incerto, porque a roda, na lotaria ministerial, não tem praso fixo, ou se deve conquistá-lo pela força, revolucionariamente, conforme o uso estabelecido.

Mas não; a desordem no Congresso Nacionalista derivou de questões pessoais, que se pretenderam derimir à antiga portuguesa, empregando-se fartamente argumentos com força de contusão e de fractura, sendo milagre que na balbúrdia se não disparasse uma pistola.

Disse Joseph de Maistre que a personalidade é sempre detestável — *le moi est haïssable* —, e disse uma grande verdade, confirmada pela observação de toda a hora, de cada instante. Em política as pessoas valem pela ideia que representam e pela forma que a realizam ou pretendem realisar, ou não valem coisa alguma. Ora no Congresso Nacionalista não se deu um embate de ideias, um conflito de opiniões, que não deixariam de ser respeitáveis por serem apaixonadas, com tanto que fossem sinceras. A desordem iniciou os trabalhos do Congresso, foi a sinfonia de abertura naquele... desconcerto de muitas centenas, talvez dois milhares de executantes, vindos de todos os pontos do País.

Não foi uma banal ocorrência da nossa vida política o Congresso Nacionalista, e por isso nos ocupamos d'ele nesta crónica, registando-o como merece. Não acordam éco na *Ilustração* as desavenças partidárias, a intriga, a algazarra dos sindicatos de interesses disfarçando-se em

agrupamentos políticos para mais facilmente realizarem os seus fins, coonestando os seus propósitos.

A desordem do Congresso Nacionalista deu lugar a que se dissociasse a unidade dum grande partido em formação, indispensável para que o Poder não seja exercido, em regime de monopólio, pelo Partido Democrático. Só valem, em política, como instrumentos de governo, as forças sistematizadas, isto é, os Partidos, que não podem ser hoje o que eram ontem, quanto a organização e processos, mas que não podem ainda ser substituídos, principalmente em Países como o nosso, mal instruídos e mal educados, por gregarismos ministeriais, de formação puramente circumstancial. Se os dissidentes nacionalistas se constituírem em Partido, o seu programa será, *mutatis mutandis*, o do Partido que abandonaram, não diferindo em muito os seus processos de propaganda e combate. Tirarão força aos ortodoxos, porque há sempre quem simpatise com as heresias; mas pelo facto de os afastarem do Poder, não se habilitarão a governar. Continuará o absurdo de numa República parlamentarista haver só um partido hábil para governar, o que justificará, de certo modo, o emprêgo da violência para a conquista do Poder, e já uma longa experiência nos ilustrou sobre a esterilidade dos governos revolucionários.

O pior é que a República se desprestigia e o País se afunda no meio desta desordem crónica que constitui a nossa vida política de há anos a esta parte, desordem que já muitos consideram como um defeito orgânico, um vício celular da sociedade portuguesa, uma tara da raça, sem possível remédio.

É pena, porque a nossa terra abençoada tem a macieira 'um colchão de penas, e o nosso lindo céu azul tem encantos de mulher virgem, a que se nos prendem irresistivelmente os olhos.

BRITO GAMACHO.

• • •

« ILUSTRAÇÃO »

Cumprindo a promessa de obter continuas melhorias, a nossa revista honra-se reproduzindo neste número, em *hors-texte*, o quadro do insigne pintor Sousa Pinto que lhe conquistou a «Médaille du Salon», considerada a mais alta recompensa do Paris artístico. Expositor *hors-concours* e condecorado com a Legião de Honra, Sousa Pinto figura hoje entre os mais notáveis artistas da pintura, estando no Museu do Luxemburgo o seu quadro «Les Pommes de Terre».

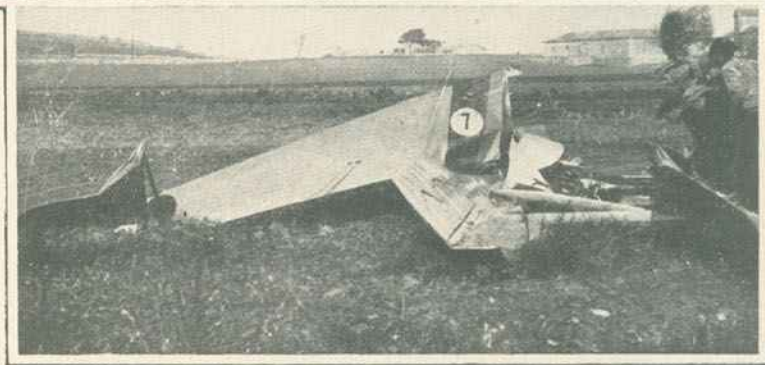
O nosso número da Páscoa constituirá um número especial, com mais páginas de texto, inserindo uma escolhida e valiosa colaboração e também várias e belas tricromias em *hors-texte*.



Grupo de convidados que assistiram ao banquete oferecido, em 25 de Fevereiro último, pelo sr. Embaixador da Inglaterra, Sir Lancelot D. Carnegie, K.C., K.S. e o Presidente da República



O ÚLTIMO ACIDENTE TRÁGICO DA AVIAÇÃO PORTUGUESA, SUCEDIDO NO DIA 25 DE FEVEREIRO, NA ESCOLA DA AVIAÇÃO DE SINTRA, E EM QUE PEREGRINAM O TENENTE-AVIADOR AMÍLCAR JORGE ALVARENGA PASSOS E O ALFERES-MÉDICO DR. JOSÉ DE AZEVEDO REIS. Aspecto do cortejo fúnebre dos dois malogrados oficiais.



Os destroços do aparelho Avro, no local onde se estabeleceu

O bravo comandante da Polícia de Lisboa, sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral, retomou as funções do seu cargo, após o longo tratamento das lesões sofridas no atentado de que foi vítima. Comemorando este facto, realizou-se no Campo-Grande uma parada das forças policiais, a que o ilustre oficial, acompanhado do 2.º comandante, sr. major Rodrigues, passou revista.



Aspecto da assistência ao chá-dansante realizado no dia fina Escola Naval e a que assistiram o sr. Ministro da Marinha e grande número de oficiais da nossa Armada



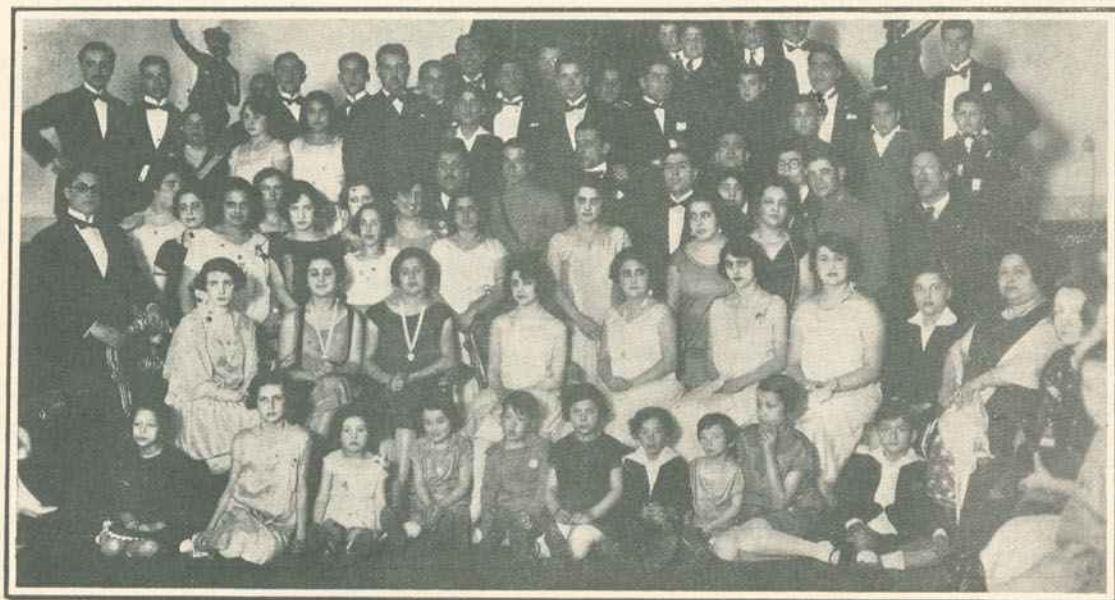
Casamento elegante: Os noivos, sr.ª D. Emilia Martins de Carvalho e sr. Manuel Rivera Jurati, à saída da Igreja de Santos-o-Velho



Grupo de gentis senhoras num carro da Montanha Russa, do Parque Eduardo VII, na festa promovida pela colónia espanhola em regosijo pelo êxito da viagem aérea à Argentina e cujo produto reverteu para o cofre de Beneficência do Governo Civil de Lisboa.



M.^{me} Dulce Capper Alves de Sousa, joven pintora brasileira, que expôs no Salão Bohème uma interessante galeria de quadros a pastel.



Grupo da assistência à festa da *Mi-carême* realizada no Eden-Club de Pedrouços, em que se procedeu a um concurso de beleza, vendo-se ao centro a rainha elegeita com as suas damas de honor.

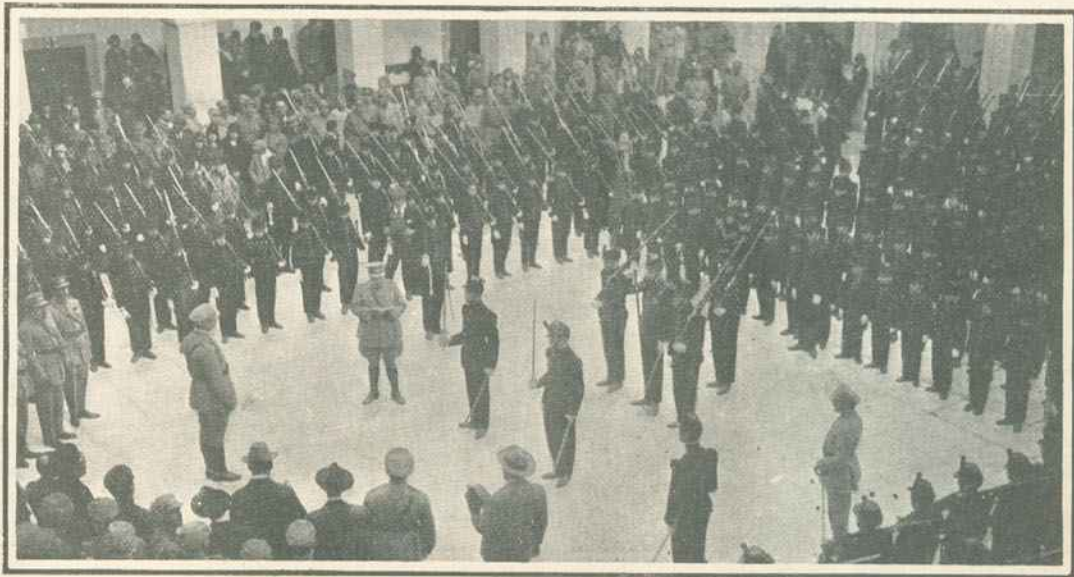
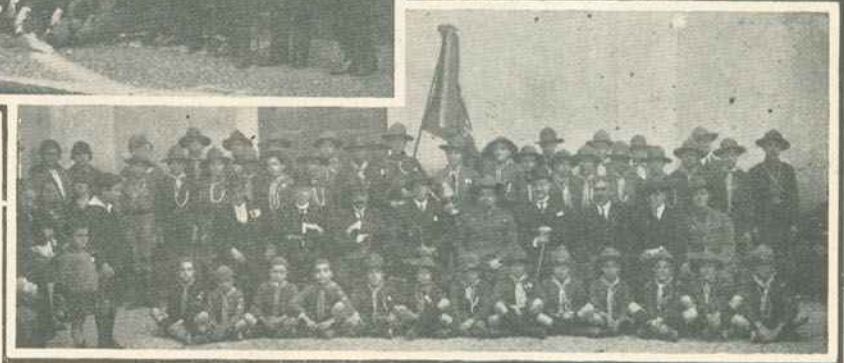


Na inauguração do novo edifício da Escola de Aplicação da Administração Militar, sito na Alameda das Linhas de Torres: O Chefe do Estado entre os srs. Ministros da Guerra e das Colônias e outros oficiais.

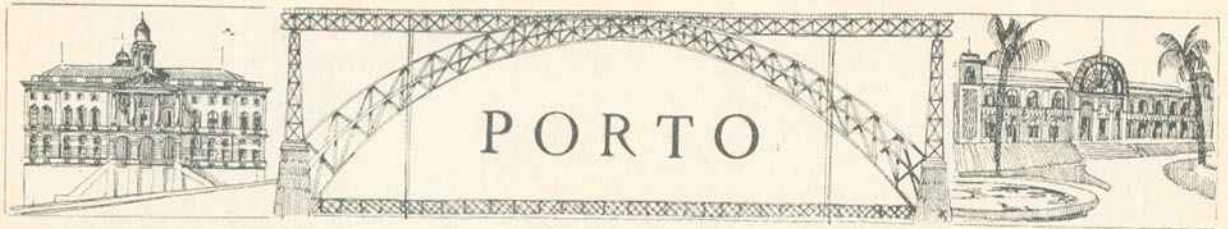


Grupo de convivas do almoço promovido em honra do sr. Luciano Ferreira, gerente da firma Viuva Coutreca & Filho, pelos principais importadores de sal na zona.

Grupo de Escoteiros n.º 2, que foi distinguido com uma taça oferecida pela colônia portuguesa de S. Paulo (Brasil).



A festa do 125.º aniversário da fundação do Colégio Militar, a que assistiram os srs. Presidente da República e Ministros da Guerra, da Marinha das Colônias: o garboso batalhão dos seus alunos formados na praça



A assistência à notável conferência desenvolvida pelo sr. dr. Gonçalo Sampaio sobre o tema «Os cantos corais no Minho»



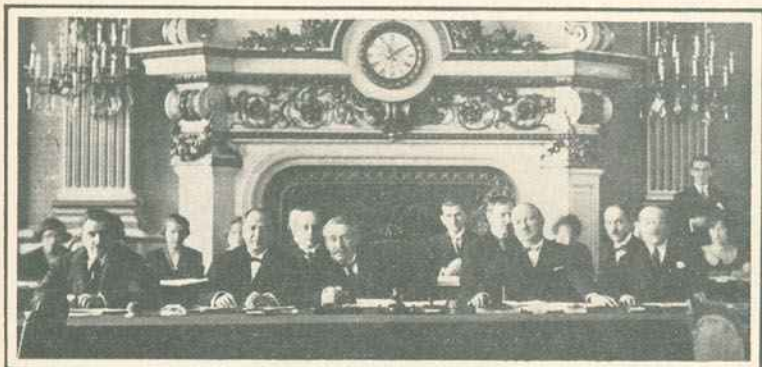
Uma interessante exposição no Horto Municipal, cujas espécies, pela sua grande beleza, obtiveram o aprêço dos visitantes



Grupo de alunos da Escola Júlio Denis cooperando na linda festa que se efectuou na Escola Infantil n.º 1

O descarrilamento dum comboio de passageiros na linha do Porto à Póvoa: Aspecto do material avariado

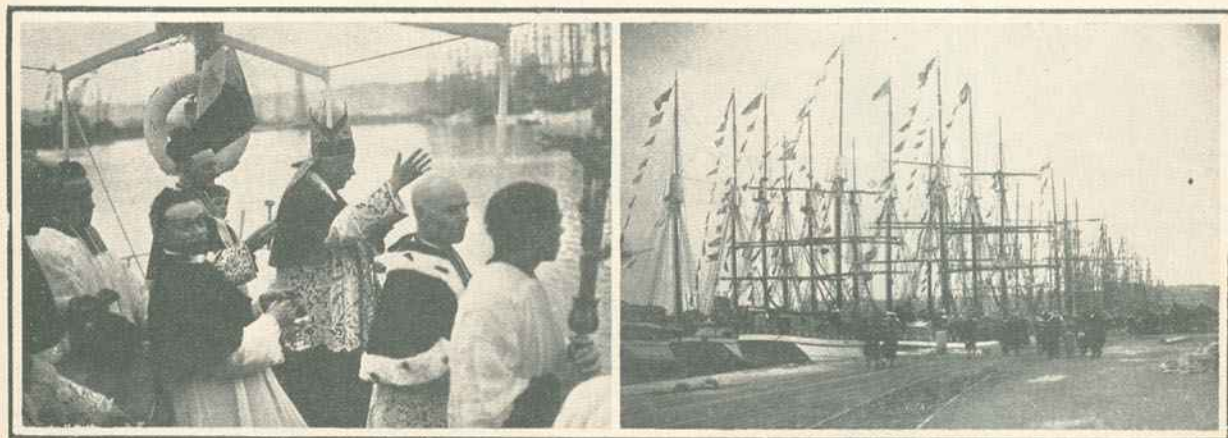
ESTRANGEIRO



Sessão da conferência Franco-Soviética realizada no Salão de l'Horloge, no Quai d'Orsay
Ao centro, da esquerda para a direita: Mrs. Rakowsky, Briand e Mouzic

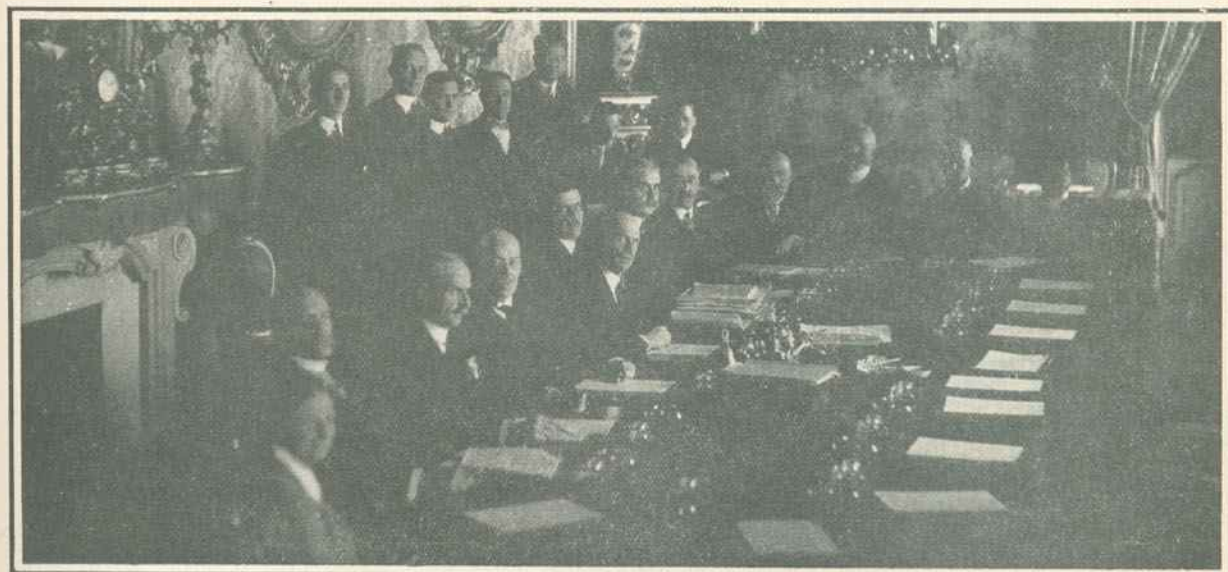


Mr. GEORGES LECOMTE
Novo acadêmico francês



EM SAINT-MALO: A FESTA DOS BARCOS DE PESCA DA TERRA-NOVA

À esquerda, Monsenhor Claret, à bordo de uma chalupa, passando por entre os barcos e lançando-lhes a bênção. À direita, vista do porto com toda a frota embarcada



ROMA — Uma sessão da conferência para os mandatos, realizada no soberbo palácio da Consulta, na Praça do Quirinal

(Cliché ENTY)



FOOTING AO SOL

D. Thereza de Melo Breyner
Pinto da Cunha, D. Maria
João Zarco da Gâmara,
D. Vera Perestrello de Vas-
concellos, D. Maria d'Oliveira
Reis, D. Sophia de Lancaster,
Marquês da Praia e D. Maria
Cohen Espírito Santo

A HORA DA CONVERSA

No Jardim
do Chalet das Canas

A sr.^a D. Maria Cohen Espí-
rito Santo ao volante da sua
Citroen, com as sr.^{as} Mar-
quês da Praia e D. Maria
d'Oliveira Reis

Com a chegada da pri-
ma-veia recomeçam as
manhãs elegantes no Cam-
po Grande. A cavalo, de
automóvel e a pé, a socie-
dade elegante marca as
rendez-vous, conver-
sando sob as acolhedoras
sombrias do velho parque,
passeando nas largas ala-
medas ensolaradas.



Um banco florido

(Clíchê Serra Ribeiro)

DESSPORTOS

LAWN — TENNIS

CAMPEONATOS DA AMÉRICA
EM «COURTS COBERTOS»

Os tennistas franceses alcançaram durante a sua tournée na América do Norte um sucesso sem precedentes.

As meias finais dos campeonatos da América reuniram os dois campeões americanos Tilden e Richards e os azes franceses Lacoste e Borotra.

Borotra bateu Tilden em dois sets e Lacoste eliminou facilmente Richards, que é considerado como sendo o melhor jogador americano em «courts cobertos».

A final reuniu os eternos rivais e compatriotas Lacoste e Borotra.

Lacoste saiu vencedor deste encontro, podendo dizer-se que o campeão francês é hoje em dia o melhor jogador do mundo em «courts cobertos».

Os seus progressos tem sido notáveis, afirmando de dia para dia a sua grande classe.

Estamos certos que Lacoste virá a ser o primeiro jogador do mundo dentro em pouco.

No «match» França-América os franceses foram menos felizes, pois que Borotra perdeu os seus dois encontros e o par Lacoste-Brugnon perdeu o «doubles» contra o par americano Tilden-Richards.

Lacoste porém continuou triunfando tendo batido facilmente Tilden e Richards.

A América saiu vencedora deste match por 3 vitórias contra 2.

AINDA O MATCH LENGLEN-WILLS

Publicamos hoje algumas fotografias do match Lenglen-Wills realizado em Cannes no Carlton Club.

A título de curiosidade diremos que a receita do match atingiu 400.000 francos e os vários

repórteres de todos os países, telegrafaram no dia de a final cerca de 100.000 palavras num valor de 60.000 francos.

O assunto do dia na Riviera, continua sendo as probabilidades do próximo encontro de Lenglen-Wills.

Quanto a nós, estamos certos que Suzanne depois do memorável encontro do qual saiu ven-



M.^l Lenglen, Miss Wills depois do encontro



Miss Wills e Miss Sanders, a sua primeira adversária em Cannes

cedora, não tomará a jogar tão cedo, pois os seus nervos... obrigam-na a repousar por 2 ou 3 meses.

O MATCH PORTUGAL-INGLATERRA

Podemos informar os nossos leitores, que se encontra quasi que definitivamente assente o encontro entre Portugal e Inglaterra.

A data marcada é a de 11 de Setembro e os diferentes encontros desta importante prova realizar-se hão nos magníficos «courts» do Sporting Club de Cascais.



Os finalistas do Campeonato da América, René Lacoste e Jean Borotra

O R O U B O

A azenha ficava na encosta do monte que, em maio, os tojos e as giestas em flor vestiam de ouro, sob a nitidez do azul do céu. As suas quatro paredes velhas e esburacadas em que reverdeciam musgos eram cobertas por um telhado de telha vã que deixava filtrar a luz diurna em agulhas difusas e resplandecentes.

A grande roda movida por uma forte e espumante levada de água, que vinha de longe brilhando ao sol, accionava as grossas mós de pedra—que o moleiro, o tio Francisco, picava todas as semanas e que trituravam, primeiro, o milho para depois o reduzirem a uma farinha fina e branca que ia caindo lentamente sobre um largo taboleiro de madeira.

O trabalho fecundo que havia de dar o sabroso pão às bôças pálidas de fome não se interrompia um só momento, enquanto a caleira transbordava das cristalinas e frias linhas que, no seu caminho bucólico, regavam as raízes das dedaleiras e das gramíneas. De dois em dois dias, o moleiro, com as calças todas enfarinhadas e o colête sobre a camisa de estopa que apertava com botões de louça nos punhos cabedulos, immobilizando-as mós, para evitar possíveis desastres, enchia as taleigas de linho grosseiro que não tardava a distribuir pelos freguezes. Carregado o possante macho, rompia pelos atalhos, pelas congestas olorosas da floração das madressilvas, por veredas que encurtavam as distâncias, em direcção aos povoados, tangendo o animal com um galho de árvore cheio de fôlhas—e cantarolando em voz baixa.

De porta em porta, sempre com um riso na cara expressiva e jovial em que a barba rapada à navalha projectava uma sombra azulada, ouvia de bom humor os ralhos e as disputas com que era recebido. Por vezes as mulheres mais agressivas dirigiam-lhe chufas que todavia o não ofendiam. Uma tarde, a Mariana da Portela, casada com o caseiro da Várzea Grande, depois de se queixar de que o seu taleigo vinha muito vazio, não hesitou em dizer-lhe que aquilo era roubar de mais.

—Roubar?—acudiu, serena e risonhamente, o tio Francisco. Veja que a farinha vem muito calçada, su'alma do Diabo...

—Agora vem!...—replicou Mariana. Isso afirma você, para me calar... Mas o que me consola é que as pagará todas no outro mundo.

—Não tenho medo! Lá comparecerei diante dos juizes, sem receio. Quem não deve não teme, refere o ditado.

—Então é que você não sabe que nunca houve moleiro nem sacristão que se salvassem. Vão todos direitinhos para o inferno!...

A pesar destas zombarias que nunca deixava sem resposta, o velho Francisco tinha-se na conta de homem capaz e honrado, atravessando mais de sessenta anos de vida sem praticar acto de que a consciência o acusasse. E mesmo a noite, junto do borralho em que as torgas ardiam, pulverizando-se em áureas faulhas, não se cansava de dar os bons conselhos ao filho, o Jacinto, que não tardaria a entrar nas sortes, e a filha, a Rosária, que fizera vinte anos pelas matanças e que andava de amores com o Pedro da Pinta, levada por uma inclinação antiga...

A casa de habitação do moleiro e dos filhos—porque a companheira tinha morrido havia muito tempo—ficava pegada à azenha, das bandas do nascente, e era rodeada por um quintal a horta e vergel com macieiras e pessegueiros que abril cobria dum irriado enxame de florescências. A estrada que lhe passava perto cortava, em linha recta, pelo extenso vale fóra, souts de castanheiros, terras de cultivo onde em junho ondulavam à aragem as messes maduras, pousios, courelas férteis, trechos de chão a mato. Depois, num salto mais brusco, galgava, por ponte de madeira, o rio que ia rolando a sua turva corrente, num sussurro monótono. Dum lado e doutro, espraiavam-se os juncas flexíveis e os caniçados, que o vento fazia balouçar.

Vista da azenha, a paisagem era maravilhosa.

Numa repêza, perto da ponte, ranchos de lavadeiras batiam a roupa nas pedras, entre cantares dum lirismo ingênuo. Ao descer das tardes brandas, como flores de luz desfolhando-se à brisa, o espectáculo tornava-se encantador. As fartas manadas regressavam aos currais, conduzidas por pastores pequeninos e descalços, de agulhada ao ombro. De quando em quando, juntas de bois, desgarrando-se, avançavam a passos lentos para a repêza onde a água era transparente, mergulhavam o focinho e bebiam a fundos sorvos. Saciados, erguiam as cabeças que os olhos melancólicos enterneciam, detendo-se um instante a mirar o poente, que esmorecia num gradual desfalecimento de coloridos.

A hora era dumha beleza incomparável. Todos os ruidos, mesmo os mais tênues e fugidios, adquiriam uma vibração prolongada e intensa...

A granja em que Pedro vivia com os pais muito pobremente, ficava para além da ponte que rangia de veltice sob as pesadas rodas dos carros. Todas as manhãs o rapaz vinha, encolhido de frio e com a sacola da merenda na mão, à frente das vacas prêzas pela sogá, para as pastagens: e, perto do casal de Rosária, chamava-a sempre. A filha do moleiro, que apascentava um rebanho de cabras e ovelhas, era a sua companhia certa, desde criança.

Foi assim que entre os dois se criou uma simpatia que se enraizou com o andar do tempo:—e mais tarde, quando Rosária, com suas arrecadas nas orelhas e seus grilhões de ouro sobre o peito estalando de viço e de seiva entre o lenço de ramagens, dançava nos adros e nos arratais, não queria outro para pár que não fosse Pedro.

Uma noite, porém, o tio Francisco, que dormia a sono sóto, foi de repente despertado pelos latidos do cão de guarda, o *Dragão*, um animal tão inteligente que só lhe faltava falar e que, da sua cama de feno seco, sob o alpendre, dava sinal de quanto acontecesse. O ano correria mal, as colheitas haviam sido escassas e, pelos casebres deserdados, a fome batia às portas com suas mãos descarnadas.

A principio, tio Francisco—que na mocidade fóra bom tangedor de viola e que, com um cajado elástico nas mãos, era homem para varrer uma feira—não fez caso daquele aviso:—mas, como o cão continuasse a ladrar cada vez mais, saltou prudentemente do leito de bancos, enfiou o gabião, pegou na escopeta que tinha à cabeceira e, desandando devagar a chave na fechadura para não fazer ruido, saiu a passos cautelosos.

O *Dragão*, sentindo-o, veio roçar-se-lhe nas pernas, de orelha esticada; de súbito, atirou-se, dum pulo, em direcção à azenha—que, na obscuridade nocturna, era uma densa e confusa mancha de tinta negra—ladrando estridentemente.

O moleiro, com o dedo no gatilho da espingarda aperrada, seguiu-o, curvando-se para se furtar à vista dalgum inimigo:—e, ao entestar com uma sebe de espinhosas e silvas que se enroscavam nos troncos como serpentes, surpreendeu um vulto com uma taleiga de farinha às costas. Era um ladrão da sua fazenda!

O cão arremeteu para o desconhecido; mas o tio Francisco, chamando-o e metendo a arma à cara, bradou:

—Quem é, faça alto se não quer ir já dormir com o Diabo!

O vulto—que dir-se-ia uma sombra movendo-se—estacou: e, como o moleiro se aproximasse, sempre com a espingarda em pontaria, ouviu uma voz trêmula que supplicava:

—Não me façam mal, Francisco, porque foi a necessidade que me obrigou a esta vergonha!...

Era o Tomás da Pinta, o pai do rapaz que derriçava com sua filha Rosária. O tio Francisco logo o reconheceu, e ficou sem pinga de sangue.

—Com um raio de Diabos! Pois és tu?...

—Não tinha em casa mingalha com que matasse a fome à ninhada!... Que havia de fazer?...

—Portanto, toca a roubar!... Sim, senhores! Sim, senhores!... Quem o diria?!...

—Perdão-me, Francisco. É a primeira vez!...

—Ora uma destas!... Não, a gente sempre vê coisas!...—resmungava o moleiro, com um riso cruel.

Repentinamente, desviado por uma cólera que o lançou fóra de si, exclamou:

—Carrega lá a saca e volta para trás. Há de pô-la onde estava!...

Arquejante e resfolegando penosamente, Tomás obedeceu, sem dizer palavra. Depois, a porta da azenha, dominando-o de cima do seu desprezo, para mais o humilhar, murmurou espaçadamente:

—Homens de bom proce:der não fazem como tu, mesmo quando a miséria os apoqueta... —Eu tinha escrupulo...

—O que tu não tens é honradez. Vai-te! Some-te da minha vista!... Eu podia dar cabo de ti, neste deserto, e enterrar-te aí a um canto. Ninguém o saberia nem me pediria contas. Era um ladrão de menos. Mas não te mato! Não vales a carga de chumbo, tão reles és. Vai-te!...

—Francisco!...

—Vai-te, com um milheiro de Diabos, ou dá-se uma desgraça. Olha que já te não enxergo... Vai-te!...

Aterrado pela repentina erupção daquela ira, o Tomás da Pinta debandou a passo acelerado, direito à ponte, perdendo-se no negreio, enquanto Francisco, trancando a porta da azenha que o outro forçara, rosnavia constantemente, coçando a face enghelada e emagrecida, numa irresolução.

—Esta é nova!... Não! Esta cá me fica!

Como a rosa da manhã ainda tardasse em desabrochar na doçura do céu de outono, o moleiro recolheu a casa, tornando a deitar-se, mas sem conseguir readormecer.

Ao almoço com Rosária—porque o filho andava longe, a roçar mato—não falou no acontecimento da noite anterior: e, engolido o bocadinho, carregou o macho e foi para a sua labuta costumada. Perto do anoitecer, já quando a sombra, baixando dos espaços que escureciam, resvalando dos beirais dos telhados e dos ramos dos arvoredos, se amontoava aos cantos, o moleiro, trazendo o animal pela arreata, surgiu subitamente na volta da estrada próxima da azenha, dando de cara com a filha e com o namorado, que conversavam, sorrindo e fitando-se com ternura. Indo resolutamente para elles, com um brilho febril no olhar, rugiu:

—Ouve lá, ó rapariga, procura outro conversado, se não queres que te parta um braço... Quanto a ti, não me tornes a fazer sombra cá pela casa, porque te sai o gado mosqueiro.

Rosária, pálida, confusa, vencida, soluçava, emburilhando as mãos no avental. Pedro, mais forte e mais audaz, acudiu:

—Mas venha cá, tio Francisco! As coisas não se fazem assim!... Porque me nega voce-meç agora a cachopa, depois de me deixar conversar com ela tantos anos seguidos?... Diga! Tem obrigação disso.

—Pretendes então saber porque é, hein?

—Está bem de ver que sim!...

—E porque não quero... Cá na minha família, somos pobres mas honrados... Ninguém tem para nos dizer nem tanto como isto!...

E mostrava a unha do dedo polegar.

—Também eu sou honrado, homem de Deus!... —afirmou Pedro.

—Hum!... És de má raça... Vai em paz, vai em paz...

Voltou-lhe as costas desdenhosamente:—mas, reparando em Rosária que chorava, encostada ao muro, pela morte do seu tão triste sonho e pelo desatino do pai, bradou:

—Porque choras, môça?... Olha que não te há de faltar uma corda para te enforcarem!... Fica sabendo que não ando a criar filhas para as dar a filhos de ladrões... Não quero trazer geração minha, gente do meu sangue, pelas cadeias... Lá com ladrões, nem para o céu!...

TEATRO

A FESTA DOS VENDEDORES DE JORNAIS NO THEATRO POLITEAMA

HA muito que, no ramerrão provinciano e bocejante desta cidade sem alma, não nos era dado gozar o prazer dum espectáculo a que soberanamente presidissem apenas as três benfazejas musas do espirito, da beleza e do coração.

Realizou-o no dia-primeiro d'este mês, na sala dum grande teatro, a iniciativa dum grande

queles platéas vistosas e difíceis, para quem o palco é apenas um pretexto de parada e de *carpet-mondain*, mas dumia multidão anónima, burguesa, placida, em expectativa ultra-simpática de carinho, gratidão e bonomia.

Por mais exdrúxulas ou sonolentas que tivessem resultado as atracções do programa, o óptimo acolhimento que todos tiveram estava

à frente, vendesse «A Última Hora!», o número especial de «O Século» com que rematou, por uma forma imprevista e alacre, o gracioso propósito de Tito Arantes, último número do programa.

Do espectáculo que dizer mais?

Os nossos melhores artistas e as mais gentis *estrelas* dos nossos palcos concorreram galhardamente ao simpático certamen, dando-se as mãos numa camaradagem de arte que quiséramos ver sempre em obra, para expiação de velho e complexo pecados.

Raúl Brandão, Júlio Dantas, A. Correia de Oliveira, Aquilino Ribeiro, Antero de Figueiredo e Tito Arantes trouxeram também à festa dos pequeninos a sua abada de oferendas, o que não foi pouco.

E tudo correu as mil maravilhas.

Mas de facto o grande autor e o grande actor da noite, para quem tôdas as atenções convergiram e que encheram o grande fundo luminoso da festa com a sua figura humilde, esfarapada, descalça, aureolada de desgraça e de cândida alegria, foi aquele tipo simbólico de quem Hortense Luz em *travesti* de «Mosca» cantou a guitarra a triste epopeia de miséria e resignação heroica:

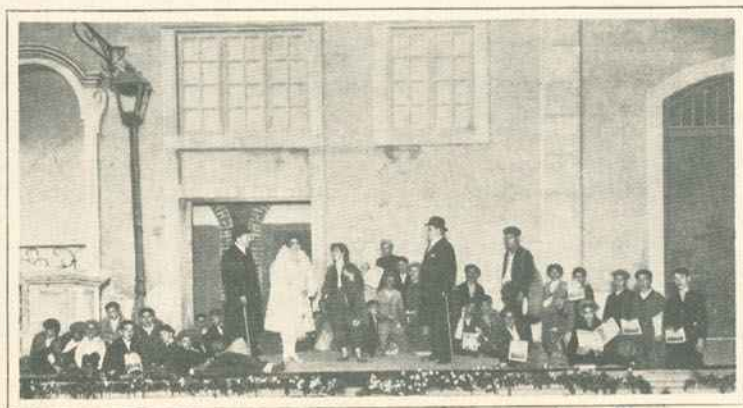
*Os garotos dos jornais
Andam esfarrapados
Mas são sérios e leais,
Pobres mas honrados.
Muitas vezes não se come
E dormir, só ao frio;
Mas para matar a fome
Deu-nos Deus fastio...*

CARLOS SELVAGEM.

ROSITA RODRIGO



A formosa e castiça *tipie* da Companhia Vellasco que trabalhou no Teatro da Trindade
Fotografia gentilmente feita para a «Ilustração»



Satabela, A. de Azevedo, Robles Monteiro, Amarante e Hortense Luz, no propósito de Tito Arantes «A Última Hora!»

jornal, em honra e proveito d'esses alegres e infortunados gnómos da vida moderna, que são os miúdos dos jornais.

Devem ter-se sentido ulanões os organizadores da simpática festa, pela forma cavalheiresca e

de antemão assegurado pela atmosfera de receptividade especial que reinava. Porque o único sentimento comum que, em aparente nexo cívico de coesão, liga entre si os cem povos desta terra das *muytas* e *desvaradas gentes*, é, sem dúvida alguma, por honra sua, a geral e espontânea simpatia da população alfacinha pela honrada classe dos *ardmas*.

Eles são, de facto, d'esses humildes e gárrulos pardais da imprensa, os únicos portugueses tolerantes e activos dos nossos dias, os únicos que não discutem nem se imiscuem na politica, que não encarecem a vida, que não propalam boatos, que não promovem revoluções nem fomentam greves, que não paralizam nem ameaçam a nossa desengonçada caranguejola social. Das suas reivindicações sociais — e quão justas, bom Deus, elas seriam! — ninguém cura senão incidentalmente; porque nunca o egoísmo cidadão foi violentamente sobressaltado por elas como por tantas outras, bem mais ignaras e injustificadas, periódicamente tem sido.

No benévolo interesse de que os envolve o cinismo duro da cidade há pois também um fundo de reconhecimento e gratidão que a-pesar-de tudo muito é de se gabar. E ali, há dias, no palco do Politeama, quando a gentil e espirituosa inventiva de Tito Arantes, pela voz da actriz Hortense Luz e do actor Amarante, fez estalar perante o mar de cabeças da platéa as duras verdades desta nossa defeituosa e iniqua organização social, o frêmito de remordimento nas consciências foi tão profundo e abalou tanto as almas, que permitiu este prodigio heróico: — uma platéa inteira de gentes habitualmente apressadas aguardando a pé firme, depois das duas da madrugada, que a aluvião dos garotos, com Hortense Luz e Amarante



Adeline Abranches e Emilia de Oliveira no «Auto do Fim do Dia»

bizarra como a população alfacinha corresponderam ao seu generoso convite. A sala do Politeama estava literalmente à cunha — e não da-



O CHÁ

MINHA querida amiga: Pedi-me V. para que, nestas minhas singelas crónicas da «Ilustração», um dia lhe falasse do chá. Nunca falto ao que prometo, como vê, e venho cumprir a minha promessa.

O chá, perfumado e espiritual, que a minha querida amiga absorve lenta e voluptuosamente.

Um viajante árabe, chamado Soliman, que 1000a nos A. C. também visitou a China, refere o uso que os chineses faziam desta perfumada planta e em 1560 um português, Gaspar da Cruz, é o primeiro europeu que dela dá nota, sendo curioso que nem Marco Paulo, Fernão Mendes Pinto ou mesmo Garcia da Orta, lhe fazem referencia. Contudo só no século XVII é que o chá começou a aparecer na Europa.

É uma planta que cultivada não passa de 2 ou 3 metros de altura, embora inculta chegue a atingir 8 metros, de folhas pequenas e perfumadas flores brancas. Só aos três anos é que as folhas começam a estar em condições de ser colhidas, sendo mais apreciadas as da base dos ramos. As flores dão também um chá finíssimo, tanto mais apreciado quanto é raro e difícil de obter.

Os principais países productores de chá são, em ordem decrescente, a Índia, Ceilão, China, Japão e Austrália e, para se fazer uma ideia da sua produção, basta dizer que só a Índia produz anualmente em volta de 150.000 toneladas.

Além das importantes plantações de chá que temos nos Açores, onde existem várias fabricas, entre as quais a Fabrica da Gorreana, que chega a exportar 200 toneladas do chá Gorreano, preto e verde, que é considerado como podendo rivalisar com os estran-

geiros, há em Moçambique uma exploração de chá, pertencente à Empresa Agrícola do Lujela, que atinge já uma área de 180 hectares, tendo exportado em 1925, para a Inglaterra, onde esse chá é muito apreciado, mais de 40000 kilos.

Há quem julgue que os chás preto e verde são produzidos por plantas de espécies diferentes, mas a verdade é que a obtenção dum ou outro tipo depende apenas da preparação que se dá às folhas depois de colhidas duma mesma planta.

Para obter chá preto, espalham-se as folhas, logo depois de colhidas, em taboleiros de cançado onde se deixam emurcheecer e enrolar, sendo depois ligeiramente espremidas, por processos vários, até o suco começar a sair e dis-

postas em seguida em camadas relativamente espessas, num sitio fresco, húmido e escuro, produzindo-se uma fermentação que acaba por lhe dar a característica cor escura.

A preparação do chá verde difere da que acabei de descrever porque as folhas não são fermentadas. Para isso é preciso, logo de principio, destruir o fermento (ou enzima) que as folhas frescas contêm e que iria provocar a fermentação, espalhando-as, logo que chegam da plantação, em taboleiros de ferro bastante aquecidos, ou então tratando-as pelo vapor quente.

Os bons chás verdes são por via de regra mais difíceis de obter e de preço mais elevado; para a preparação dos chás pretos podem mesmo utilizar-se folhas manchadas e de inferior qualidade, o que não sucede com os chás verdes.

O aroma característico do chá verde é-lhe dado por uma substância volátil, a que os químicos chamam *óleo essencial*, que se liberta durante a sua preparação tecnológica.

Os chineses costumam misturar, durante algum tempo, as folhas preparadas pétalas de rosa, de jasmim, etc., que depois separam, afim de obter chás de aromas especiaes.

MANEIRA DE FAZER O CHÁ

E agora, para que alguma coisa de mais utilidade prática lhe fique dêste meu arrazoado, deixe-me dizer-lhe o que os tratadistas aconselham sobre a maneira de preparar uma... chícara de chá.

Um desses velhos apreciadores que disserta grave e longamente sobre o assunto, é o filósofo chinês Tíng Po, cuja receita é mais ou menos seguida por todos os outros e que eu mesmo tenho experimentado com excellentê resultado.

Em resumo diz ele que cada vez que se quere fazer chá se deve ferver a água a um bom fogo ardente, de preferência de lenha. A água corrente é a melhor para esse fim, sendo preferível a das glaciares das montanhas e a pior a dos poços. São precisos dois recipientes, um dos quais um bule de porcelana não vidrada interiormente que deve servir apenas para fazer chá e que quanto mais usado melhor se torna, pois se vai impregnando do seu aroma; assim que a água começa a ferver escaalda-se bem o bule escoórendo depois a água. Em seguida deitam-se as folhas de chá no bule, na proporção duma colher de café cheia para cada chícara,



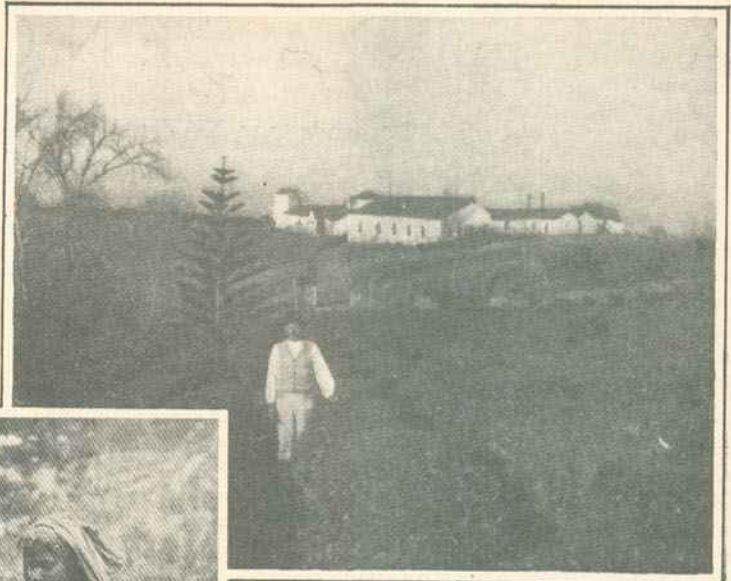
Pequeno ramo com flores e folhas de chá

a pequenos golos, da sua chícara de porcelana, é constituído pela infusão das folhas, previamente preparadas, dum elegante arbusto a que os botânicos dão o exótico nome *Thea sinensis* ou *Camellia thea*.

Dizem que o chá é originario do Tibet e doutras regiões ao sul da China, tendo a sua preciosa utilidade sido revelada aos homens 3254 anos antes de Cristo, no tempo do imperador chinês Sing Nong. As maravilhosas qualidades do chá foram objecto da atenção de muitos escritores e filósofos chineses, anteriores a Confucius, que, vivendo 500 anos A. C., muito se lhe refere também no seu admirável sistema de filosofia moralista que ainda hoje é a religião de dezenas de milhões de almas.

e despeja-se-lhe em cima, lentamente, a água a ferver, afim de que as essências se desprendam gradualmente. Tapa-se o bule e deixa-se a infusão durante 3 a 5 minutos, conforme a qualidade do chá; em seguida decanta-se o chá para outro recipiente, deita-se rapidamente mais água a ferver dentro do bule, para o lavar das folhas e de novo se lhe deita a infusão que se passará para o outro recipiente.

O chá assim preparado é finíssimo e não faz mal à saúde, pois o que o pode tornar mais prejudicial é exactamente a prolongada infusão que, depois de ter feito desprender das folhas os princípios aromáticos, arrasta substâncias acres e nocivas, aumentando muito no líquido obtido a quantidade de teobromina



Uma plantação de chá nos Açores



A colheita do chá

tudo eu aconselho o processo clássico que lhe descrevi.

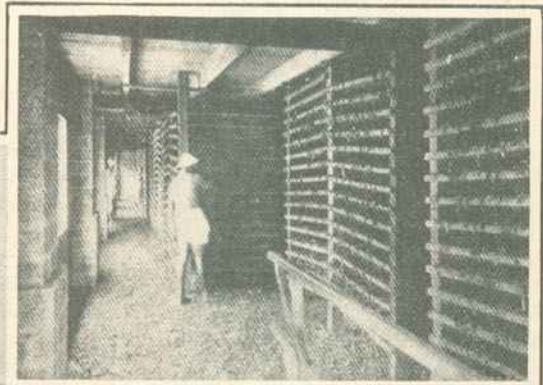
E aqui está! Não lhe parece que haverá ainda entre nós muita gente que não sabe fazer chá?

Pois garanto-lhe que seguindo escrupulosamente este ritual do velho filósofo chinês obtém uma bebida maravilhosa e tão espiritual quanto a sua feminina delicadeza e bom gosto possam desejar.

Beija-lhe as lindas mãos o seu devotado servo e sincero admirador

A. Z. C.

e cafeína que nas folhas se encontram em elevadas percentagens. Pode substituir-se o segundo recipiente por um pequeno crivo fechado, de metal ou porcelana, que se mergulha na água a ferver deitada no bule, depois de escaldado, e se retira passados os 3 ou 5 minutos do estilo. Con-



Secagem do chá



S. MIGUEL-AÇORES. — Dependências duma fábrica de chá

E a operação mais delicada na tecnologia do chá é a que, na sua primeira fase, os ingleses chamam «withering», muito dependendo dela a sua finura. Conforme se permite que, durante a secagem, as folhas fermentem ou não, assim se obtém chá preto ou chá verde.

A seguir à primeira fase de secagem, realiza-se uma outra operação, o «enrolamento», modernamente feito em máquinas especiais, depois do que se faz a fermentação (no caso dos chás pretos), concluindo-se então a secagem e ficando o chá apto a ser embalado.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

Continuamente, e de mil outras maneiras, sentia ela as inúmeras angústias que tão engenhosamente lhe preparara a sentença perene, sempre activa, do tribunal puritano. Os padres paravam nas ruas para lhe dirigir palavras de exortação, que logo faziam ajuntar a turba, com expressão mista de ódio e de escárnio, a roda da pobre pecadora. Se entrava numa igreja esperando participar do sorriso do Pai Universal, sucedia-lhe, muitas vezes, a desventura de re-



conhecer que era ela própria o tema do sermão. Criou medo às crianças; pois estas haviam recebido dos pais a ideia vaga de que havia qualquer coisa horrível nessa mulher triste que atravessava a cidade silenciosamente, sem nunca levar mais companhia que uma única e sempre a mesma criança. Por isso, deixando-a primeiro passar, seguiam-na com gritos estridentes e proferindo uma palavra que para elas não tinha significação precisa, mas que nem por isso era menos terrível para Hester, por vir de lábios que a pronunciavam inconscientemente. Parecia aquela palavra indicar uma tão vasta difusão da sua infâmia, que a sabia toda a natureza; não seria menor a sua angústia se as folhas das árvores segredassem entre si o negro caso, se o murmurassem as brisas do verão, se o gritassem alto os vendavais do inverno! Outra particular tortura sentia ela no olhar de qualquer pessoa estranha. Quando um estranho olhava com curiosidade para a letra encarnada—e nenhum deixava de o fazer—marcava-lha de novo a ferro em brasa na própria alma; de sorte que ela às vezes mal se podia abster, se bem que

sempre se abstinha, de cobrir o símbolo com a mão. Porém os olhares habituais também, de outro modo, a angustiavam. Emfim, do primeiro ao último, sofria sempre Hester Prynne esta agonia horrível ao sentir um olhar humano pousar na letra simbólica; aquele ponto nunca endureceu; parecia, ao contrário, tornar-se cada vez mais sensível com a tortura quotidiana.

Mas às vezes, uma vez em muitos dias, ou talvez em muitos meses, Hester Prynne sentia sobre o sinal de infâmia um olhar—um olhar humano—que lhe dava momentâneo alívio, como se alguém tomasse sobre si metade da angústia que a afligia. No instante seguinte esta voltava toda, com mais funda pulsação de dor; porque, naquele breve intervalo, ela tinha tornado a pecar. E só ela teria pecado?

Fôra-lhe a imaginação um pouco afectada—e, se fôsse mais branda a sua fibra moral e intelectual, mais o teria sido, sem dúvida—com a estranha e solitária angústia de sua vida. Percorrendo, com aqueles passos solitários, o pequeno mundo a que estava exteriormente ligada, de vez em quando parecia a Hester—se era inteiramente fantasia, era contudo forte de mais para que ela lhe pudesse resistir—sentia ou imaginava que a letra encarnada a tinha dotado de um novo sentido. Estremecia ao crer, mas não podia deixar de crer, que a letra, por simpatia, lhe dava conhecimento do pecado oculto em outros corações. Apavoravam-na as revelações que assim se lhe faziam. Que eram elas? Que outra coisa poderiam ser senão insinuações traiçoeiras do anjo mau, que queria persuadir a infeliz que se debatia, ainda não de todo sua vítima, de que o aspecto exterior da virtude não era mais que mentira, e de que, se a verdade em toda a parte se mostrasse, uma letra encarnada arderia em muitos outros peitos além do de Hester Prynne? Ou deveria ela receber essas indicações—tão obscuras, e contudo tão distintas—como verdades? Em toda a sua triste experiência, nada havia tão horrível e molesto como este novo sentido. Perturbava-a, e ao mesmo tempo escandalizava-a, pela irreverente inoportunidade das ocasiões em que se exercia. Às vezes a infâmia vermelha que trazia sobre o peito palpitava súbitamente, por aquela acção de simpatia, quando ela passava por um venerando padre ou juiz, modelo de piedade e de justiça, a quem, naquele tempo de antiga reverência, se tribu-

tava o respeito devido a um mortal que convivia com os anjos.—Que pecador esta aqui perto?—perguntava Hester a si mesma. E, erguendo os olhos com relutância, não encontrava no âmbito da sua vista outro ser humano senão êsse santo da terra! Outras vezes afirmava-se contumazmente uma mística fraternidade ao dar ela com o olhar severo e digno de alguma dona que, segundo era voz geral, toda a vida tinha guardado no coração neve que nunca vira sol. Entre essa neve, intacta no seio da dona, e a infâmia que ardia no de Hester Prynne—que poderia haver de comum? Outras vezes a avisava o choque eléctrico:—Olha Hester, uma tua companheira!—e reparando, dava com os olhos de uma juvenil donzela postos na letra encarnada, timidamente e de lado, e logo se arredando, ao mesmo tempo que um leve e frio rubor lhe assomava às faces, como se a sua pureza tivesse sofrido com aquele momentâneo olhar.

O Demónio, de quem aquele símbolo fatal era talismã, pois não querias deixar ninguém, dos novos nem dos velhos, a quem a pecadora pudesse respeitar?—tal perda de fé é sempre uma das piores conseqüências do pecado. Aceite-se como prova de que nem tudo estava corrompido nesta pobre vítima da sua fragilidade, e da lei dura dos homens, que Hester Prynne se esforçava ainda por acreditar que nenhum outro mortal era tão culpado como ela.

O vulgo, que, naqueles velhos e sombrios tempos, juntava sempre um horror grotesco a tudo quanto lhe prendia a imaginação, tinha uma história, a respeito da letra encarnada, de que facilmente poderíamos fazer uma terrível lenda. Afirmava-se que o símbolo não era simples pano vermelho, tinto numa selva terrena, mas estava abrasado de fogo infernal, e que se via luzir inflamado quando Hester Prynne saía de noite. E devemos dizer que êle queimava o peito a Hester tanto a dentro, que talvez houvesse mais verdade neste rumor do que nossa moderna incredulidade estaria disposta a admitir.

VI

PEARL

Até agora mal falámos da criança, dêsse pequenino ser, cuja vida inocente, por inescrutável decreto da Providência, tinha bro-

tado, linda e imortal flor, de entre o viço ruim de uma paixão culposa. Que estranha sensação experimentava a desditosa mulher ao observar o seu crescimento, a sua beleza, que cada dia se tornava mais brilhante, e a inteligência que lhe lançava uma luz trêmula sobre as feições infantis! A sua Pearl! — pois este nome lhe pusera Hester; não porque bem exprimisse o seu aspecto, que nada tinha do brilho calmo, branco, impassível, que a comparação indicaria. Chamou à criança «Pearl» porque era de grande preço — comprada com tudo quanto ela tinha — o único tesouro da mãe! Estranha cousa, na verdade! Marcara o homem o pecado desta mulher com uma letra encarnada, de tão potente e terrível eficácia que nenhuma simpatia humana se podia aproximar da que a trazia, a não ser que fosse pecadora como ela. Deus, como consequência directa do pecado que o homem assim punira, dera-lhe uma filha linda, cujo lugar era naquele mesmo seio infamado, para ligar a mãe para sempre à raça e descendência dos mortais, e ser por fim uma alma bem-aventurada no Céu! Mas estes pensamentos despertavam em Hester Prynne menos esperança que receio. Sabia que o acto que praticara fora mau, não podia, pois, crer que fossem bons os seus resultados. Dia a dia, espreitava a mãe a indole da criança, que se desenvolvia, receando sempre descobrir nela alguma peculiaridade estranha e sinistra que correspondesse à culpa a que devia o ser.

Defeito físico, não havia com certeza nenhum. Pela sua forma perfeita, por seu vigor, e natural destreza no uso dos membros inexperientes, era a criança digna de ter nascido no Éden: digna de ali ter ficado, para brincar com os anjos, depois de expulsos os primeiros pais da raça humana. Tinha uma graça natural que nem sempre acompanha a perfeita beleza; seu traje, por simples que fosse, dava sempre a impressão de que era exactamente o que melhor lhe ficava. Mas a pequenina Pearl não andava com vestes rústicas. Sua mãe, com um propósito doentio que talvez depois se perceba melhor, comprara os mais ricos estofos que se podiam encontrar, e dera livre curso à sua imaginação no enfeite dos vestidos que a criança usava em público.

Tão deslumbrante era a pequenina quando assim vestida, e tal o esplendor da própria beleza dela, brilhando através dos trajes ricos que talvez submergissem uma formosura mais pávida, que havia positivamente um círculo luminoso em torno dela no chão da cabana sombria. Mas uma veste grosseira, róta e suja dos rudes brinquedos infantis não fazia dela figura menos perfeita. O aspecto de Pearl tinha um condão de infinita variedade; nesta criança havia muitas crianças, compreendendo todos os graus, desde a beleza bravía da filha de camponeses até a pompa, em miniatura, de uma princesi-

nha. Através disso tudo havia, porém, um traço de paixão e certa intensidade de cor, que ela nunca perdia; se, em qualquer de suas mudanças, se tornasse mais pávida ou menos viva, deixaria de ser quem era — já não seria Pearl!

Esta mutabilidade exterior indicava, e não fazia mais do que exprimir muito bem, os vários atributos da vida interna. Parecia a indole da criança possuir profundidade, além de variedade; mas — ou os receios de Hester a enganavam — faltava-lhe afinidade e adaptação ao mundo onde nascera. Nenhuma regra se lhe podia impor. Ao dar-lhe a existência, uma grande lei tinha sido violada; e o resultado fora um ser cujos elementos eram talvez belos e brilhantes, mas todos em desordem, ou com uma ordem que era só dêles, em que o grau de variedade e de coordenação era difícil ou impossível de descobrir. Só podia Hester explicar o carácter da criança — e, mesmo assim, de modo muito vago e imperfeito — recordando o que ela mesmo tinha sido durante aquele momentoso período em que Pearl esteve recebendo a sua alma do mundo espiritual, e seu corpo da matéria terrena. O estado apaixonado da mãe fora o meio pelo qual se havia transmitido à criança que ia nascer a luz da sua vida moral; e, por branca e clara que esta luz primitivamente fosse, tinha tomado os fundos laivos de vermelho e ouro, o fulgor igneo, a sombra negra, e a claridade irregular da substância que tinha atravessado. Sobre tudo, a luta de espírito que Hester naquele período tinha sustentado, se perpetuara em Pearl. A mãe reconhecia nesta a sua disposição de braveza, de desespero, de desafio, a mutabilidade do seu génio, e até algumas das próprias nuvens de tristeza e de abatimento que lhe haviam pairado no coração. Iluminava-as agora a luz matinal de uma alma de criança, porém, mais para diante, no pleno dia da vida terrena, poderiam gerar tormentas e vendavais.

A disciplina da família era naqueles dias muito mais rígida que hoje. O tom severo, a reprimenda áspera, a aplicação frequente da chibata, para a qual se invocava a autoridade da Escritura, empregavam-se, não só como castigo de maldades feitas, mas como salutar regime para estimular e promover tôdas as virtudes infantis. Porém Hester Prynne, mãe extremosa desta única filha, corria pouco risco de pecar por excesso de severidade. Lembrando-se, contudo, de seus próprios erros e desventuras, desde o princípio se dispôs a exercer uma vigilância carinhosa, porém firme, sobre a infantil immortalidade que à sua guarda fora confiada. Mas a tarefa excedia a sua habilidade. Depois de experimentar tanto o bom como o mau modo, e reconhecer que nem um nem outro processo tinha efeito apreciável, viu-se Hester, por fim, obrigada a pôr-se de lado e deixar a criança seguir seus próprios impulsos. A compulsão ou repressão física tinha efeito, é claro, mas só enquanto durava. A qualquer outra espécie de disciplina, dirigida à sua inteligência

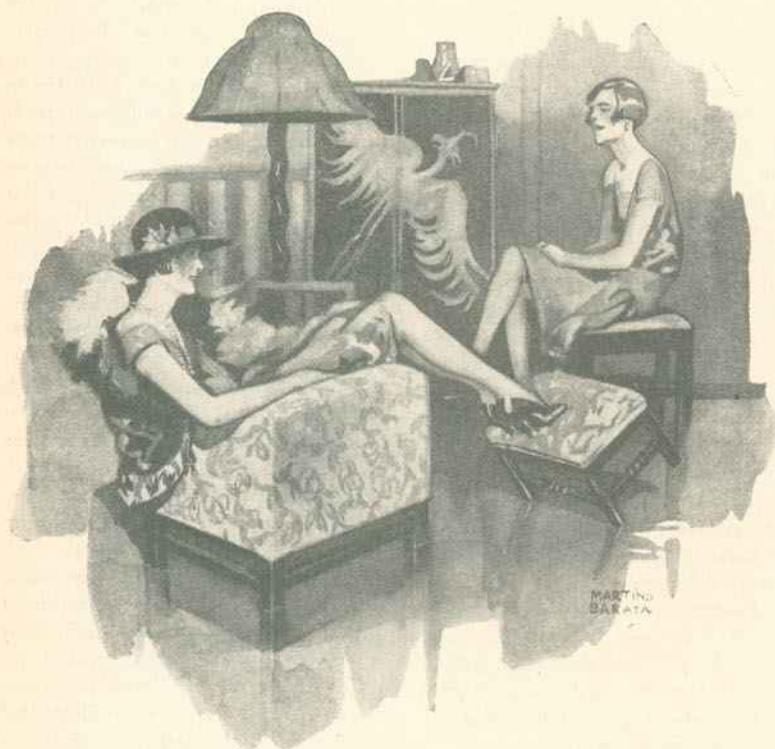
ou ao seu coração, podia Pearl ser ou não acessível, conforme o capricho que nesse momento imperasse nela. Já de quando andava ao colo, lhe ficara a mãe conhecendo certo ar especial, que a avisava, nas ocasiões em que seria trabalho inútil insistir, exigir ou implorar. Era um ar tão inteligente, tão inexplicável, tão contrariante, por vezes tão malicioso, em geral acompanhado de uma estranha vivacidade, que Hester não podia deixar de perguntar, nesses momentos, se Pearl seria uma criança humana. Parecia antes um espirito aéreo, que, depois de estar um tempo a fazer brinquedos fantásticos no chão da cabana, ia desaparecer, com um sorriso zombeteiro. Quando esse ar lhe aparecia nos olhos estranhos, vivos, muito negros, dava-lhe um aspecto curioso de distância e intangibilidade: era como se ela estivesse pairando no ar, e pudesse desaparecer, como uma luz vaga que vem não sabemos donde, e que não sabemos para onde vai. Ao vê-lo, Hester era impelida a ir, de um impeto, para o pé da filha — a correr atrás dela na fuga que sempre esboçava — e a apertá-la contra o seio num abraço estreito, e beijá-la sófregamente — não tanto por um assomo de exuberante amor como para ter a certeza de que Pearl era realmente de carne e osso, e não uma simples ilusão. Mas a gargalhada de Pearl, quando era apanhada, ainda que cheia de alegria e de encanto, deixava a mãe ainda em maior dúvida que dantes.

Ferida até o fundo da alma por este encantamento desconcertante e desnorteador, que frequentemente se interpunha contra ela e o seu único tesouro, que tão caro tinha comprado, e que era todo o seu mundo, Hester rompia às vezes num choro desesperado. Em algumas destas ocasiões — nunca se podia prever a impressão que lhe faria o choro da mãe — Pearl zangava-se, cerrava o pequeno punho e fixava as feições numa expressão dura e desafeiçoada de descontentamento. Outras vezes, porém, tornava a rir, mais alto do que dantes, como um ser incapaz de sentir e compreender a tristeza humana. Ou então — mas isto era mais raro — caía numa convulsão raivosa de dor, e soluçava, em palavras quebradas, o amor que tinha à mãe, parecendo querer provar que possuía coração, partindo-o. Mas pouco se podia Hester fiar naquela ternura tempestuosa, que passava tão depressa como viera. Pensando em tôdas estas cousas, a mãe tinha a impressão de quem tivesse evocado um espirito, mas, por qualquer irregularidade no processo do conjuro, se achasse privada da palavra com que deveria dominar essa inteligência nova e incompreensível. Apenas sentia verdadeiro conforto quando a criança estava immersa na placidez do sono. Então estava certa dela, e passava horas de felicidade quieta e deliciosa: até que — talvez com aquela expressão maliciosa a aflorar-lhe as pálpebras entreabertas — a pequenina Pearl acordasse!

(Continua.)

OS INFIEIS

Helena e Isabel conversam numa pequenina sala de estar cheia de elegância e de conforto. — Ar de intimidade.



ISABEL — Afinal, filha, só são felizes aquelas que casam pelo dinheiro.

HELENA — Engano. Só são felizes aqueles que casam pelo amor — Vê tu o meu caso?

ISABEL — O teu caso?

HELENA — Sim! O meu casamento foi um casamento de conveniência. Meu marido era rico... E, entretanto, vê tu como eu sou infeliz!

ISABEL — Teu marido engana-te?

HELENA — Pior: deixa-se enganar.

ISABEL — Pois tu, Helena...

HELENA — Sim, tenho um amante. Como as outras. Como tu.

ISABEL — Oh! Meu Deus!

HELENA — Ouve. Quero contar-te tudo. Prometes não dizer nada?

ISABEL — Juro.

HELENA — Escuta. Há três anos que me casei.

Lembras-te? Ah! tu estavas em Paris quando eu me casei! Mas creio que já te disse? Não calculas o que foi o meu casamento! — Recordo-me bem. A capela muito cheia de flores e de luzes... Logo que meu marido chegou, de automóvel, fez-se a cerimónia. O nosso capelão, muito velho, abençoou-nos a sorrir e a chorar. Depois fomos para a mesa. Muito doce, muito — sabes, Isabel, que eu sou doida por doce! — mas nesse dia não pude provar nada. Não te posso explicar o que tinha. Estava ao mesmo tempo muito alegre e muito triste por me ter casado. — Como eu me lembro de tudo! — Nessa tarde partimos para Vidago...

ISABEL — Para Vidago? Que exqu岸ito!

HELENA — Calcula! Para Vidago. Mas o senhor meu marido entendeu que podíamos conciliar a nossa lua de mel com a sua cura de estômago.

A minha noite de nupcias passeia-a no comboio a vêr passar as estações... Que sensaboria! Chegámos de manhã. O *Palace* cheio. Era agosto. Logo ao almoço parecia que toda aquela gente não fazia outra coisa senão olhar para nós.

ISABEL — O costume.

HELENA — E o mais curioso é que um rapaz, e por sinal um lindo rapaz, que estava numa meza defronte da nossa começou a fazer-me a cõrte na ingénua suposição de que meu marido...

ISABEL — Era teu pae.

HELENA — Pior: era meu avô.

ISABEL — Que idade tem teu marido!

HELENA — Hoje não sei. Nesse tempo tinha setenta anos, tres menses e onze dias...

ISABEL — Mas depois?

HELENA — Depois, depois... Esse rapaz começou a fazer-me a cõrte. Numa palavra, vinte e quatro horas passadas era meu amante...

ISABEL — Que velocidade!

HELENA — O amor hoje é assim. Tem qualquer coisa de avião e de wagon-lit. As maiores distâncias percorridas com a maxima velocidade e a maior comodidade. — Que lindo rapaz! Se tu o conhecesses, Isabel!

ISABEL — Moreno?

HELENA — Não. Loiro. Olhos azuis. Elegante. Tipo de inglês. Monóculo. Impecável sempre. Admirável jogador de tennis. — Que tens tu Isabel? Empalideceste de repente?

ISABEL — Nada. Não foi nada. — Como se chama esse rapaz? Podê saber-se?

HELENA — Prometes não dizer nada a ninguém?

ISABEL — Juro.

HELENA — Diogo Alvim.

ISABEL, num grito — Oh!

HELENA — Pois o Diogo...

ISABEL — É meu amante há cinco anos. — Porquê?

HELENA — Nada. Prova que é um homem de bom gosto!

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES.



LIVROS E ESCRITORES



EMPARELHANDO COM OS *Poetas e Prosadores*, vindos a lume há três anos, Júlio Brandão entregou agora ao público os *Bustos e Medalhas*. A sua origem, que faz destes volumes celeiros de precioso cereal disperso por várias glebas do periodismo, é a mesma num e noutra, assim como idêntica é a natureza dos artigos que os compõem a ambos: série de estudos sobre gradas figuras literárias nossas e alheias.

Poeta de elevado estro e prosador de luminoso estilo, Júlio Brandão exerce também a crítica e dizer que a exerce da mais nobre maneira não é senão um acto de justiça. O seu juízo, assente sempre na conscienciosa leitura da obra visada, evidencia uma segurança admirável, jámais pecando por azedume ou por lisonja.

Certo é, porém, que, tanto nos *Poetas e Prosadores* de ontem como nos *Bustos e Medalhas* de hoje, são unicamente de elogio os trechos que preenchem as suas páginas, facto de que o leitor desprevenido poderia concluir ser a actual literatura um alfofre exclusivo de obras perfeitadas e superiores. Não sucede assim, infelizmente, mas o que acontece é que Júlio Brandão não consente que a sua pena conviva com a arcaia miúda das letras: selecciona o intimos do seu espírito e com elles emprega o seu tempo. Eis a razão da unidade apologética das crónicas dos dois aludidos tomos, razão que obtém reforço neste conceito de Guyau: «*Nos événements intérieurs se groupent autour d'impressions et d'idées maitresses: ils leur empruntent leur unité; grâce à elles, ils forment corps.*» O dom da simpatia, imanente nos poetas, é tão forte em Júlio Brandão que é alumado pela sua luz clara e bem-fazeja que elle traça as suas crónicas.

Nos *Bustos e Medalhas*, com a leveza e a arte expressiva dum Cristoforo Foppa ou dum Bernini, o autor da *Maria do Céu* e da *Nuvem d'Oiro* deixou esculpidas, em páginas muito bellas, as effigies de perto de três dezenas de principes e nobres das letras, desde aquella Mariana Alcoforado, freira dum convento de Beja que extraiu da sua alma dolorida um dos mais célebres monumentos da epistolografia amorosa de todos os tempos, até Anatole France, cuja prosa, pela limpidez e pelo ritmo, reflecte o espirito sereno da arte helênica.

Teixeira de Pascoaes trouxe-nos o regalo espiritual dum novo volume das suas liricas: *Cân-*

ticos. A sua inspiração mantém-se em largo vôo por regiões aonde não é frequente vermos ascender os outros poetas. O seu lirismo, marcando-lhe um lugar aparte na poética nacional, deixa transparecer no seu espirito muito do temperamento dum filósofo. Aos nossos olhos aparece o autor do *Sempre* e da *Vida Etérea* como um Antero de Quental mais lirico, mais amoroso do universo, menos trabalhado pela dúvida, mais religioso e, portanto, menos incompatibilizado com a vida.

Toda a sua obra é filha desse consórcio da poesia, que é a voz da alma, voz rezada e cantada, voz de louvor e de encantamento, com a



Teixeira de Pascoaes

filosofia, que é a voz da intelligência, voz interrogativa e por vezes gritada e grifada de apóstrofes, voz que não raro tem de verberar os males do mundo. A poesia crê e afirma. O pensamento duvida e nega. Em Antero o pensamento sobrepujou a poesia e, por isso, o genial artista das *Odes* viu-se num momento arrastado pelas ondas revoltas do seu mar interior. A dor afundou-o. Negou-se, despedaçando o crâneo. Em Pascoaes o mar inquieto do seu intimo esbate as ondas numa praia de encanto, em que a ternura viceja e onde a esperança tem o condão de amansar as cóleras do pensamento. A sua sensibilidade é mais repassada de misticismo: eis porque elle se salvará da trágica solução que Antero deu à sua existência.

A sombra e a luz revezam-se nos poemas do recente livro de Teixeira de Pascoaes. De sonho em sonho, o grande poeta evoca Deus ou seja, na sua modalidade terrena, a perfeição das almas e das coisas.

Tão musical é já o verso de Teixeira de Pascoaes que nestes *Cânticos* a rima foi por inteiro dispensada. O verso branco, de tão difficil feitura e só ao alcance dos maiores artistas, aparece nestas páginas com o recorte mais puro e mais harmonioso que é possível imprimir-lhe.

No curto espaço de que ainda dispomos esboçamos a impressão que nos deixaram as seguintes obras, todas de menor envergadura que as de Júlio Brandão e Teixeira de Pascoaes. *Pais Fulgurante*, que nos revela a existência de mais um engenho feminino, culto e elegante, nas letras brasileiras. De texto misto, à laia de album, Eunice Caldaa, sua autora, serviu-se destas páginas para nos patentear a variedade das suas aptidões. Se bem que na parte poética tenhamos notado apreciáveis poemetas, como a *Figueira* e outros, preferimos a parte de prosa do livro, constituída por pequenos contos e fantasias líricas e também estudos sobre figuras literárias de vasto renome. *Pais Fulgurante* interessou-nos. *Pregão de Revolta* é uma carta aberta e escrita em verso, dirigida a quem de direito pelo sr. Aristides Ribeiro e verberando a deportação dos presos por questões sociais. Encontram-se imagens felizes nas suas estrofes, repassadas de ardente idealismo. *Método teórico-prático da lingua inglesa*, organizado pelo sr. Amílcar César, é um compêndio que deve satisfazer os autodidactas desejosos de apreenderem, quer para fins utilitários quer para a ampliação da sua cultura, o idioma em que Shakespeare escreveu as suas obras imperecíveis. *Contos*, escritos pelo sr. Parente de Figueiredo, sem qualidades de estilista mas usando de uma linguagem correntia, é um livro cheio de educativas histórias relativas à puerícia, livro que pode correr todas as mãos. Por último, *Jornada Audaciosa*, feixe de sonetos que o sr. Gregório Gascalheira subscreve. O ilustre poeta João de Barros condescendeu em introduzir-lhe uma carta-prefácio, com as generosas palavras que são da praxe em tais circunstâncias. As deficiências de forma a que raras vezes se encontram não poupam estes versos, uns de indole amatória e outros humorísticos. Como o autor começou agora a sua jornada, essas incertezas parecem-nos naturais. Aguardemos que elle avance no caminho da poesia para lhe exigir então maior firmeza nos passos.

[CÉSAR DE FRIAS.

CAMILO PESSANHA

*Et je m'en vais
Au vent mauvais...*

Lembram-se vocês, amigos, como ele nos dizia adeus? Era assim que Camilo Pessanha sempre nos deixava, após o encanto, por vezes bem terrível, da sua palestra, os dois versos de Verlaine substituindo-se na sua tristeza às fórmulas banais das despedidas.

E, em verdade, bem mau era o vento que o arrastava por todos os caminhos da vida, fosse ele para onde fosse, pois era dentro de si mesmo que ia sempre a angústia da sua alma eternamente agitada, dentro do seu próprio coração que refloria em cada hora o seu Jardim de suplicios...

*Et je m'en vais
Au vent mauvais...*

Pobre Camilo!

Incapaz, como sou, de, ante os que o não conheceram, saber evocar a singular figura deste grande Artista, consola-me contudo a certeza de que todos os que o amaram o estão vendo, neste momento, como eu o estou vendo, na sua magreza incomparável, na sua marcha inquietada ao longo das ruas, como folha morta que o vento levasse, em seu ar de Príncipe e de vagabundo, na sua imensa humildade e no seu infinito orgulho, e, sobretudo, na expressão dolorosíssima da sua face que, em certos instantes, era iluminada a relâmpagos de deslumbrante e sobrenatural beleza!

Nas raras horas serenas dalgum pacífico parêntesis aberto entre as crises dolorosas, o seu perfil reproduzia fielmente o perfil de João de Deus.

Quantas vezes o fomos surpreender às mesas do Royal e do Londres, seus cafés preferidos, estrangeiro entre a estrangeira fauna que ali poisava — gente dos barcos, fumadores de cachimbo, bebedores de whisky e de cerveja. — isolado e desconhecido, a cabeça caída para trás, como que decepada, na boca um sorriso, só igual ao sorriso que costumam ter os mortos. Estava Camilo fazendo a sua *toilette* de cadáver, gosando sózinho e para si mesmo a imensa e terrível volúpia de não existir, dando-se a ilusão dum alémtúmulo que o libertasse de todo o sofrimento!

Um dia me contou que os carrascos chinas, os mais subtis doutores na complicada ciência da Tortura, sabiam conservar por largo tempo a vida aos condenados, e que, ao fim de muitas horas de minucioso e bem detalhado suplicio, ainda conseguiam despertar uma dor nova e mais aguda, arrancar à vítima algum inesperado grito. Após meio dia seguido do mais atroz e continuo sofrimento, um Mandarim, que fora crucificado, ainda fazia balouçar e tremer toda a sua cruz, o corpo inteiro vibrando de dor sob os fins, habilísimos golpes do cutelo que um notável Mestre inquisidor manejava com inexecedível arte. E sempre o senhor carrasco conservava numa das mãos o seu leque de seda e sândalo, com que, ao mesmo tempo, se ia abanando e defendendo das gotas de sangue que lhe pudessem saltar à face sorridente.

Camilo Pessanha, na sua vida, foi, creio bem, conjuntamente, aquele nobre Mandarim e este incansável verdugo de si mesmo!

E, também, jamais deixou tombiar das mãos o seu leque precioso, da mais rara policromia, rico como o da Senhora de Brabant, respandendo nas mil scintilações das mais puras joias — olhos glaucos de esmeraldas, o hálito discreto das opalas, rubis sanguíneos, a doçura lunar das grandes pérolas...

*— Longas teias de luar de lhama de ouro.
Legendas a diamantes das estrélas!*

Não é esta a hora da crítica serena à sua obra, demais tanta coisa anda dispersa, tantas composições só começadas, mas tendo, contudo, o bastante para valer bem a pena publicá-las, trabalhos sobre a língua, literatura e poesia chinesas — mais de sete mil páginas vi eu escritas em letra quasi microscópica, da última vez que Camilo Pessanha esteve em Lisboa — tantos sonetos de que estão feitas as quadras e algum terceto, versos brancos admiráveis dum hino à Terra,

*a doce esposa de Indra
sobre os dois pés sentada,*

pois partidas, é certo, mas que, mesmo assim, valem pelo raro fulgor que as ilumina, notas isoladas duma vasta partitura que um vento de maldição, *un vent mauvais*, andou interrom-



pendo a cada hora, numa fúria de destruição infatigável.

Mas uma verdade já se pode proclamar bem alto, neste momento, sem receio algum de contestação: E que foi Camilo Pessanha o autêntico iniciador, entre nós, dessa Escola que foi chamada dos *Decadentes*, perniciosa, sem dúvida, por muitos dos seus exageros, mas que nos legou tantas obras primas, e libertou de vez a Poesia dos apertados moldes que a rebeldia dos românticos tinha, a-pesar-de tudo, conservado, ainda no mais acéso dos seus fragorosos combates.

Os poemas perderam enfim de vez a fictícia riqueza das suas pompas, seu grande ar comicial e enfático, e os artistas foram antes à busca das meias tintas, as sensibilidades mais e mais se afinaram, exigindo novas emoções e novos ritmos.

Ela foi salutar ainda no seu desdém pelo mau

gosto dos *realistas*, e da sua benéfica influência lucraram poetas enormes como Junqueiro, pois lhe devemos grande parte dos «*Simples*», muitas e das mais belas páginas da «*Pátria*», o que há de melhor e de eterno na sua grande obra.

Mas primeiro que ninguém, com a mais absoluta sinceridade, sem histrionismos intuitos de dar nas vistas, só escrevendo como sentia, guiado por sua sensibilidade e talento originalíssimo e a que não foi estranha, decerto, sua íntima febre de exotismo, Camilo Pessanha, ainda estudante em Coimbra, foi o primeiro português a encontrar-se com Paulo Verlaine, para o que já recebera as águas baptismas das mãos de João de Deus e de Frei Agostinho da Cruz, os poetas que até então maior influência tinham exercido no seu espirito.

Descuidado da glória a que tinha direito, incapaz de cultivar por natural nobreza os vários processos de reclame que estão em uso, mantido pela própria dor numa sempre elevada altitude moral, não descendo jamais à planície literária onde ramalham os vastos tremoços da pretensão e da mediocridade, o Poeta Camilo Pessanha levou a pompa dos seus desdém até ao crime imperdoável de não querer bem-amar a sua própria Obra. Sirvam-lhe de perdão a fatalidade do seu desgraçado temperamento, a amargura constante da sua alma agitada.

Mas confessemos que não deixa de ter sua beleza o quadro excepcional que nos oferece este homem em que passaram, por vezes, relâmpagos de génio, e que enquanto as tribus simiescas dos insignificantes se debatem em tumulto à volta do mastro de cocagne, se fica no seu canto a rir baixinho, a rir dos seus saltos grotescos, da sua mimica ridícula, de suas baixas lisonjas ao mau gosto das plateias, dos seus pobres esforços de impotentes em que não há um só gesto de amor pela Beleza, uma só réstea de sonho que os nobilita!

— Ah, se os *grandes* homens da minha Terra, (não falo dos verdadeiramente superiores, nem dos que honradamente buscam uma honrada glória) — se os *grandes* homens da minha Terra, rebeldes contra a Madre-Natureza que os fez tão pequenos, soubessem quanta graça Camilo lhes achava, e de que tremendas caricaturas era cheia a sua palestra! Se eles soubessem!

— Cairão sobre eles montanhas de esquecimento! — dizia uma vez o Poeta ao irmão Manuel, outro da família que não quis ser nada, talento deslumbrante, espirito gentilíssimo que tão cedo desesperou da vida... Pobre Camilo!

Pobre, não é bem. Quem nos dera, amigos, sua pobreza; rica dalgumas páginas de versos luminosos que o garantem em beleza através dos tempos, pois sempre há-de haver almas delicadas por mais rude que o mundo seja, sensibilidades que eternicamente o acolham, buscando, na sua voz nunca extinta, acorde às suas próprias dores.

Non chão sumir-se como faz um verme...

Se, como ele diz, foi este, em verdade, o seu desejo, ainda nisto lhe serão falsos os destinos, pois muito da sua alma se não some: seu trágico humor que lembra, por vezes, o de Poë, a feição tão portuguesa da sua Arte, a nobre arcaica camoneana de certos versos, o subtil perfume do seu longo exílio, a sua tristeza, a sua dor e a sua saúde...

*Felizes vós, ó mortos da batalha!
Sonhais, de costas, nos olhos abertos
Reflectindo as estrélas...*

CARLOS AMARO (FREI CARLOS).



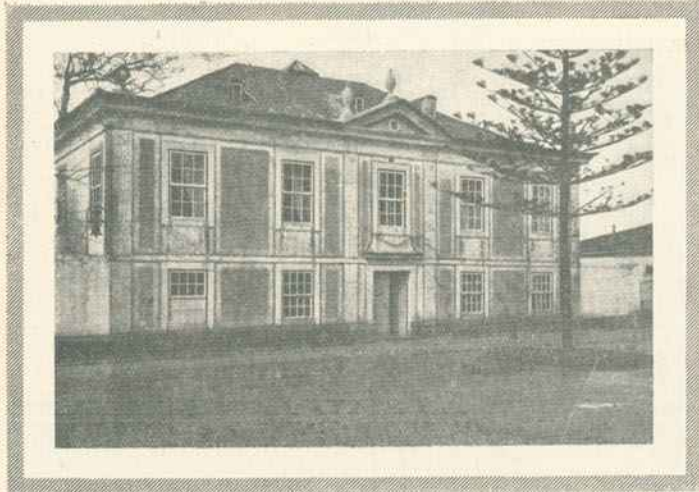
SOUSA PINTO — Molhado até aos ossos



A CASA PORTUGUESA

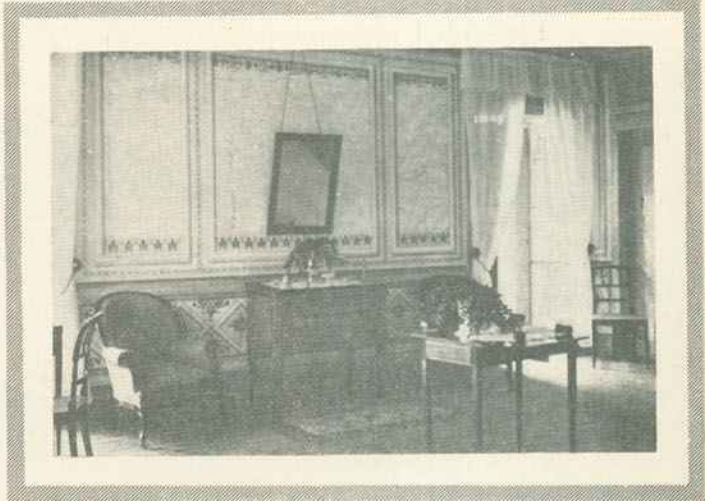
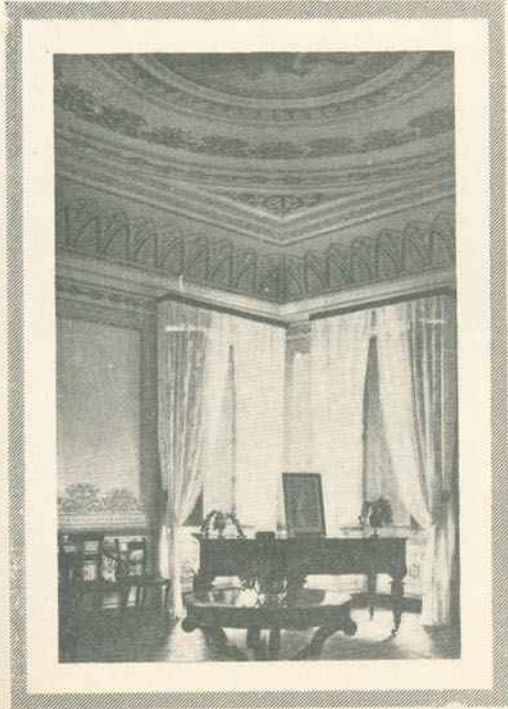


A QUINTA DA FRANCELHA, PROXIMO A CAMARATE



Nos arredores de Lisboa, grande voga tiveram—a partir do século XVIII—os sítios de entre Lumiar e Camarate, aonde muitas famílias abastadas foram construir suas casas. A que aqui reproduzimos foi edificada pelo sr. Felix Martins da Costa, antepassado do seu actual proprietário sr. Francisco José Trigueiros de Martel Patricio. Ricamente decorada e em perfeito estado de conservação, deve esta nobre moradia o seu actual arranjo de bom estilo e conforto aos cuidados da sr.ª D. Magdalena Valdez Trigueiros de Martel Patricio, poetisa ilustre e mãe do feliz dono desta bela quinta.

AS PAREDES DA ANTECAMARA ESTÃO FORRADAS DE MAGNÍFICO PAPEL CHINÊS TODO PINTADO À MÃO COM LINDAS CORES

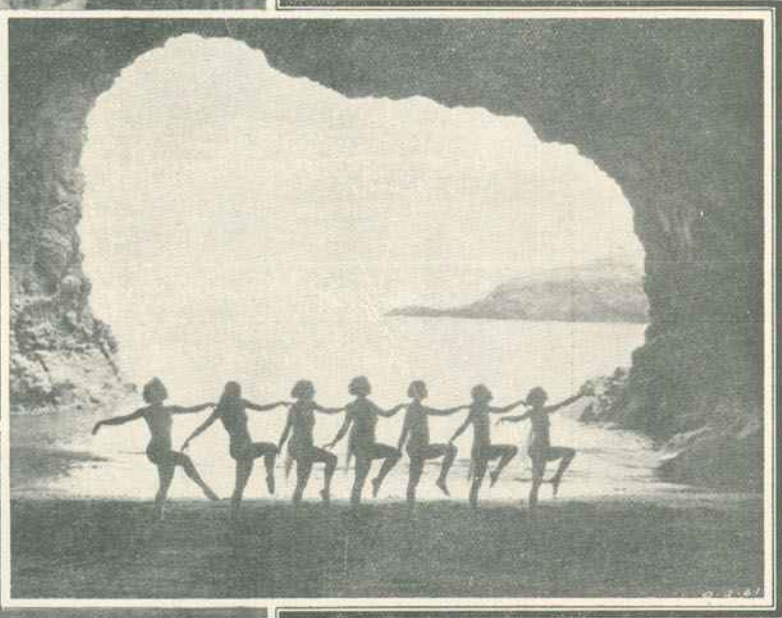


MÓVEIS DE ESPINHEIRO E UMA EXCELENTE DISPOSIÇÃO DE OBJECTOS ESCOLHIDOS EVOCAM NESTE GRACIOSO APOSENTO TODO O PERFUME DE UMA ÉPOCA PASSADA

O SALÃO DE MÚSICA É DE TODOS O MAIS RICAMENTE DECORADO. A ORNAMENTAÇÃO, EM QUE SE APLICOU MUITO OURO, CULMINA NA ESPLÊNDIDA ALEGORIA QUE OCUPA O CENTRO DO TECTO. SOBRE O INSTRUMENTO DESCANSA UM RETRATO DE D. MARIA I E TUDO PARECE ESTAR ESPERANDO POR UMA AUDIÇÃO DE MARCOS PORTUGAL



Buster Keaton, o homem que nunca ri, entre um pnhado de risonhas belezas que com êe trabalham em «Seven Chances» sua última criação



Um friso decorativo imaginado por Henri Otto na sua grande produção «Temple of Venus» para a Fox



Laura Laplante, a mais fotogênica das loiras, na sua última criação «The midnight sals»

U dos problemas técnicos mais curiosos da tomada de vistas e que nasceu quasi no inicio da applicação da cinematografia ao registo de scenas de teatro, foi o da dupla personalidade que existe em numerosos argumentos e que, logicamente, tinha que ser realizado no écran, aproveitando um mesmo actor em duas personagens diferentes.

Ao tratar-se o ponto difficil e que era o de pôr em presença, numa mesma scena os dois individuos, na realidade um único intérprete, surgiu a primeira solução e que é, de resto, a base de todos os ultteriores truques, mais aperfeiçoados do que o primitivo. Tratava-se de uma dupla impressão no filme, isto é, a metade direita do filme, onde evoluia o personagem 1, era impressionada de principio a fim da scena, mantendo-se a outra metade tapada à luz. Depois procedia-se inversamente, impressionando a parte esquerda, tapando

a direita (já anteriormente impressionada) e obtendo de principio ao fim a scena da personagem 2. Revelado, positivado e projectado o filme, tinhamos a illusão de que as duas figuras evoluíam uma em frente da outra, como dois perfeitos sócios. A scena, porém, pela necessidade do rigor da focagem, apparecia aos olhos mais experimentados, com uma certa divisão vertical ao centro, sempre marcada por um traço de scenário, a aresta viva dum móvel, etc., impressão que mais se radicava porquanto cada figura parecia «enjaulada» no estreito campo de metade do filme, sem possibilidade de cruzar com a outra nem sequer de com ella estabelecer contacto.

Procurou-se então atenuar este «senão», tentando principalmente êsse difficil contacto. Com pericia e paciência, um encenador inglês hoje célebre, Henri King, conseguiu fazer apertar a mão as duas figuras, mas no momento de sobreposição das mãos, appareciam ellas transparentes e em vez de um «shake-hands», havia, na verdade, uma pequena confusão visual muito rápida.



Constance Bennett uma das vozetes mais jovens do écran, intérprete, sob a direcção de Ed. Gouling, do filme «Sally, Irene and Mary» para a Metro

Logo a seguir, o autor destas linhas, consegue aperfeiçoar o traque de Henri King e por um processo que pouco colide com a ilusão de óptica do inglês, consegue a perfeição absoluta no «shake-hands» dado por um artista a... si próprio. É o grande successo de «The Lion» de Studio Films e a divulgação desinteressada dêsse segredo vai imediatamente aproveitar a Rex Ingram em «O prisioneiro de Zenda» uma autêntica obra prima em que Lewis Stone faz o papel duplo. A perfeição porém, atinge-a a «United Artists» em «The Little Lord Fauntleroy» em que Mary Pickford, no duplo papel de mãe e filho, cruza consigo própria na mesma scena e troca com ela mesmo, alguns beijos filiais e maternos. Os cuidados, a pericia, as centenas de tentativas frustradas que comportam tais trabalhos, só pode sabê-lo quem passou por estes... transes cinematográficos. A scena célebre de «The Lion» levou perto de vinte dias

à acertar e passava no écran em... quatro segundos!...

O cinema acaba de se aristocratizar com a conquista que fez da linda e popular rainha Maria da Romênia.

A rainha Maria ingressou no mundo cinematográfico na qualidade de escritora de argumentos tendo sido o contacto real assinado por Luis B. Mayer da Metro.

A rainha da



Uma scena de excepcional expressão do grande Charlie Chaplin, figura magna da cinegrapha, em «The Pilgrim» um dos seus melhores e últimos filmes



Pauline Starke, extrêta de «Sun Up» conserva-se eternamente joven graças à sua ginástica rítmica, praticada todas as manhãs desde as... cinco horas!

Romênia comprometeu-se a escrever argumentos originais para produções cinegráficas e põe à disposição da Metro, todas as novelas e contos que já publicou, para possíveis adaptações ao cinema. A rainha Maria é neta da rainha Vitória de Inglaterra e filha do Duque de Brunswick e é mãe de Carol, o príncipe que, com a sua renúncia ao Trono acaba de produzir sensação em todo o mundo.

Conrad Nagel no papel de Duque de Chevenix, do filme «The Only Films» original de miss Ellnor Glyn dirigido por Jack Conway



Nas constelações de Fox, appareceu mais um astro, uma nova Wamp que se chama Diana Miller

Fred Thompson passa por ser virtuoso como uma menina... como uma... menina que o seja!...

Em Hollywood, capital da «Cinelandia» acaba de abrir-se uma gigantesca barbearia modelo. São accionistas da empresa, as vedetas Lew Cody, Renée Adorée, George Arthur, Jack Conway e Lilian Tashman.





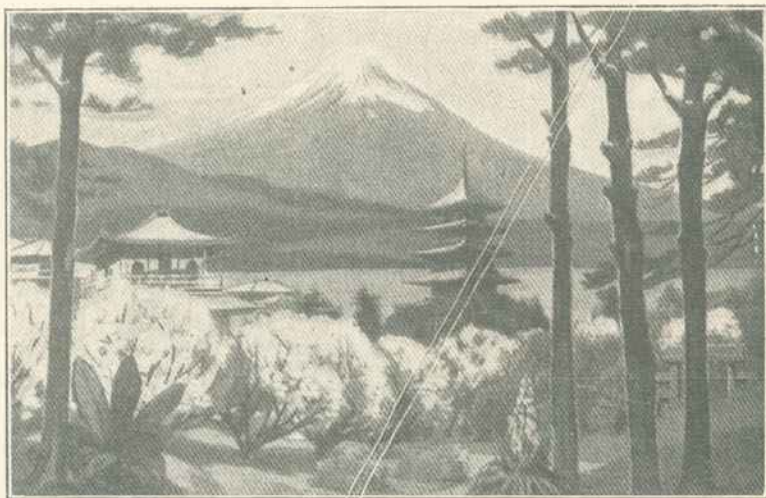
VIDA SCIENTÍFICA



AS CÔRES

As pessoas que mais ou menos frequentam teatros sabem das mudanças de aspecto que apresenta a mesma pintura conforme a cor da luz que a ilumina. Em geral, apenas se procura variar a impressão, mantendo visíveis os mesmos contornos, como nas representações das revistas e fantasias que deslumbram justamente pela riqueza de luz e de cores. Pode, porém, chegar-se a ponto de fazer dar à mesma tela efeitos contrários, como se reconhece nas duas figuras que acompanham este pequeno artigo: A primeira exprime uma paisagem japonesa devastada por um tremor de terra. A segunda representa a reconstituição da região devastada.

Como é possível que a mesma tela possa dar aspectos tão diferentes com simples mudança de cor da luz? Lembremo-nos de que a luz branca, a luz do Sol, é decomposta, quando passa através um prisma, em outras cores, que são, essas, cores simples, isto é, insusceptíveis de se decompor em quaisquer circunstâncias. Cada cor simples é caracterizada pelo número de vibrações a que corresponde, e os seus raios, passando de um para outro meio como quando encontram o prisma, desviam-se de modo desigual, do que resulta separarem-se umas das outras. Todos sabem que é essa a razão por que se forma o arco-íris, que os homens observam no céu, segundo reza a Bíblia, a partir do Dilúvio.



O mesmo pano de fundo iluminado a luz azul.

Por seu lado, os objectos têm cores diferentes conforme os raios luminosos que absorvem. Este é vermelho, diz-se, porque difunde os raios vermelhos e extingue os outros transformando-os em calor. Pelo mesmo motivo, ser branco deve indicar que se difundem todas as cores; ser preto, que todas se absorvem e nenhuma se difunde. Mas convem ter presente que nem sempre assim é.

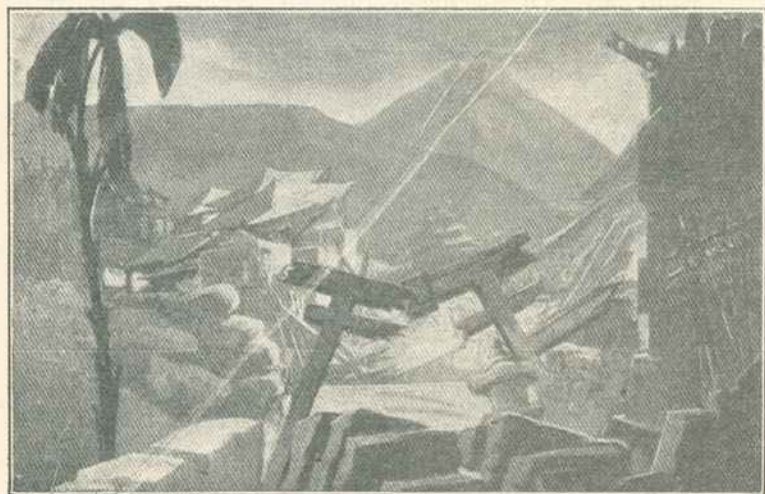
Efectivamente para constituir a cor branca não são indispensáveis as sete cores simples a

que chamamos do espectro solar porque existem nos raios do Sol; basta a justaposição do vermelho e do verde. Do mesmo modo, entre as outras cores se notam simples e compostas: há um verde simples como o que resulta da decomposição dos raios solares; mas se juntarmos amarelo e azul, teremos também um verde que é, portanto, uma cor composta. O mesmo sucede com o vermelho, que tanto pode ser simples, como resultar da justaposição do alaranjado e do violeta.

Dêste modo, um objecto visível à luz branca do Sol, com a qual apresenta determinada cor, pode não ser visível ou mostrar cor diferente quando sobre ele incidam raios luminosos de outra origem. Por exemplo, a luz da lâmpada de mercúrio torna a nossa pele de cor verde e os lábios de violeta-escuro, dando assim tons cadavéricos a um rosto cheio de vida.

Com mais razão, o aspecto visual dum grupo de objectos se transformará quando a iluminação mudar, não da luz branca para outra, mas duma cor simples para outra cor simples. No mesmo grupo ficarão somente visíveis os objectos que reflectam a cor da luz iluminante.

Pondo em prática estes conhecimentos, conseguem-se efeitos como os que as figuras representam: duas ilusões saídas da mesma tela que, sendo iluminada a luz branca, pouco mais apresenta que borrões de tinta informes, indecifráveis.



Pano de fundo iluminado a luz vermelha

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 5.º número)

B	I	S								
I	D	A								
S	A	L	T	O						
			T	E	R					
				O	R	G	A	O		
						A	B	C		
							O	C	O	

• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

E	E	E	O	O
M	M	M	M	A
A	A	A	A	T
R	R	D	D	D
I	I	L	L	N

Definições:

Astúcia. — Nome de mulher. — Oceano. — Narrativa fantástica. — Ensejo. — Palavra latina que se emprega na missa. — Ave pernalta. — Preposição e artigo.

• • •

TRANSFERÊNCIA DE TENTOS

(Solução)

Faça-se uma pilha de cinco tentos (1 a 5) na casa B em nove movimentos. Uma pilha de quatro (6 a 9) na casa C em sete movimentos. Uma pilha de três (10 a 12) na casa D em cinco movimentos. Uma pilha de dois (13 e 14) na casa E em três movimentos. Coloque-se um (15) na casa F em um movimento. Torne a colocar-se 13 e 14 na casa F em três, 10 a 12 na casa F em cinco, 6 a 9 em sete e 1 a 5 em nove movimentos.

Quarenta e nove movimentos ao todo.



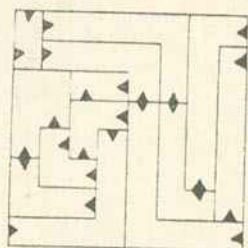
Esta fera faz medo. Onde está o domador?

• • •

OS TREZE DIAMANTES

(Passatempo)

Aqui está um passatempo que é perfeitamente um jogo de paciência, e só pela experiência se pode resolver. Trata-se de juntar estas treze



peças de modo a formar um quadrado com treze diamantes. Como vêm, da forma que as peças estão agora juntas, o quadrado está fei-

to, mas há apenas quatro diamantes — as restantes metades não se combinam entre si.

Parece-nos que esta condição dos diamantes deve antes auxiliar do que dificultar a descoberta da solução; no entanto esse ponto não está ainda bem averiguado.

Se o leitor quiser regar em cartão um quadrado de 8 por 8, com um tabuleiro de damas, marcar nêle os meios-diamantes e em seguida recortar as peças, arranjará assim um passatempo que lhe oferecerá perene entretenimento para os serões de inverno e para as horas vagas. Podem num dia resolvê-lo facilmente e achar dificuldade em repetir a experiência daí a uma semana.

• • •

PELO SEGURO

O marido: — É inútil estares a olhar para esses chapéus, minha querida, porque eu não trago senão cinco mil reis comigo.

A mulher: — Ah! Bem te podias lembrar, quando saímos, que eu havia de querer fazer algumas compras.

O marido: — E lembrei, mesmo.

POUCO CONVIDATIVO

Hóspede (para um empregado do hotel): — Qual é o preço da pensão aqui, sendo paga ao mês?

O empregado: — Hum... com franqueza, não sei dizer a V. Ex.^a, mas vou perguntar ao gerente.

Hóspede: — Essa é boa! Então o senhor não sabe?

O empregado: — Vê V. Ex.^a? É que ainda ninguém aqui se demorou mais duma semana.

• • •

FRACO SUBSTITUTO

Um rapaz da provincia tinha casado com uma rapariga de Lisboa e pouco tempo depois foi visitar um velho tio celibatário.

— Então, Augusto, sei que tens mulher — disse o velhote.

— É verdade, tio.

— O que é que ela faz?

— Faz? O que quer o tio dizer com isso?

— Ora, se ela sabe coser e fazer meia? Conserta-te a roupa?

— Não, senhor.

— Hum! E cozinhar, cozinha? Sabe fazer um caldo?

— Não, tio! As criadas fazem tôdas essas cousas. Mas o tio havia de ouvi-la cantar. Tem a voz mais bonita que jamais se ouviu.

— Cantar! — repetiu o velho com desdem. — O' homem, não podias ter arranjado um canário?



Ela: — Muito gostava que deixasses de fumar por minha causa.

Ele: — Mas eu não fumo por tua causa!



MODAS DE PRIMAVERA



Os três modelos que hoje publicamos foram fotografados em Nice. O primeiro é de crepe setim preto guarnecido com peles; o segundo é de crepe da China e veludo, também guarnecido com pele; o terceiro é de veludo e tecido de lã escocesa.



As vitrines das grandes modistas parisienses, estão já povoadas das mais recentes criações destinadas à quadra primaveril. E é incontestável que a moda, após uma apatia produzida na permanência da mesma linha de silhouette, se resolveu finalmente a introduzir modificações sensíveis e importantes na toilette feminina. Uma das mais notáveis alterações, é o regresso da cintura à altura própria, de onde há muito fôra banida pela irrequieta e caprichosa moda que nem sempre atende o equilíbrio da estética em se tratando de satisfazer as suas fantasias. Eis-nos, portanto, com a cintura marcada no lugar próprio, embora sem acusar demasiadamente a linha do

partilho, ou seja o mesmo conjunto de saia e sweater a qual se alia um *manteau* ou jaqueta. A segunda gravura mostra uma feliz exemplificação dos *trois pièces* para a primavera. Os *manteaux* de agasalho, são agora sóbrios, leves de aspecto, com golas largas de tecido escocês ou de pele.

corpo que todavia acompanha de perto. De resto, o vestido largo, direito, apagando por completo as formas, desapareceu. O busto volta a acusar a graciosidade da sua plástica, liberto. — felizmente! da tortura rígida e deformante do antigo espartilho; a mulher é mais feminina, mais elegante; as suas atitudes teem mais encanto, mais flexibilidade, porque o corte do vestido acusa as formas, esbatendo-as com suavidade, sem as recortar indiscretamente.

É claro que a actual orientação da moda obriga de novo ao uso do es-

A ROUPA BRANCA MODERNA



É preciso, porém, não transigir com as imitações deste tecido e que são, na grande maioria, de algodão simples e mercerizado, em vez de apresentarem uma urdidura de verdadeiro linho e seda. Os primeiros, perdem o brilho logo a primeira lavagem, ao passo que o tecido de linho e seda conserva sempre o seu primitivo aspecto.

As rendas e entremeios que voltam a reaparecer profusamente na roupa branca, devem ser de cor creme, crú ou ocre, e a finura da teia rendilhada que as entretêce, em nada prejudica a sua resistência.

Os gêneros de rendas preferidos actualmente para guarnição da roupa branca são: *Rosaline*, *Valenciennes* e *Veneza*.

E para terminar, uma informação, que reputamos preciosa: Os artigos que mencionamos encontram-se à venda, em grande variedade e padrões, do mais fino gosto, na *Sucursal dos Grands Magazins du Printemps*, de Paris, rua Ivens, 56.

A roupa branca elegante, foi sempre motivo de séria preocupação para todas as senhoras que cultivam com amor a arte do equilíbrio da *toilette*, e não raro problema de difícil resolução.

Mas se em todos os tempos esse importante elemento do vestuário feminino mereceu da mulher excepcional atenção, hoje, mais do que nunca, com as crescentes exigências da moda hodierna que não descarta o mínimo pormenor da *toilette*, a roupa branca impõe-nos o dever de a cuidarmos com tanto carinho como o que dispensamos aos nossos vestidos.

A principal dificuldade, ao tratar-se de organizar um enxoval, reside na escolha dos tecidos e das rendas que melhor combinam ou interpretam a ideia da moda, conciliando-a com as imposições da bem compreendida economia.

Posta de parte a roupa branca propriamente dita, pelas senhoras que observam rigorosamente as leis do *chic*, e reconhecida a impossibilidade, — para todas as que não podem considerar-se privilegiadas da Fortuna, — que a roupa de seda a poucas bolsas femininas é acessível, reconheceu-se que o tecido ideal para a confecção da roupa branca — chamemos-lhe assim, visto que outra designação mais ajustada à verdade não encontramos na língua portuguesa, — é o de linho e seda.

Este tecido, apresentando a macieza e brilho da seda, é muito mais resistente prestando-se à composição das mil e uma fantasias de preguinhas e plissados como a moda se recreia a recamar a roupa branca moderna, e ainda à incrustação das rendas ou execução dos minúsculos bordados indicados para a sua ornamentação.

PAGINAS DE ALBUM

O INVERNO

O inverno, nas cidades como nos campos, é visualmente feio e soturno. Sob a chuva, no halo neblínico dos lampeões, tem aspectos de angústia, dilacerantes, a miséria que surge dos sub-solos e espreguiçada, tiritando, os *halls* dos restaurantes onde a burguesia move as maxilas com olhares de porco. Nunca repararam neles, nos pobres, que vos espreitam quando jantais fora de casa? Nos seus olhos dardejando tudo: a inveja, o espanto, a resignação, o desprezo, a ironia, o tédio e até o ódio. Por vezes, num clarão fugaz, subitamente, a loucura dos revoltados ilumina-os e deixa ver espantosas coisas—doentes sem enxérga, antros sem candeia, bôcas sem pão. O inverno é um estranho embaixador de ódios tremendos. Quando ele chega, dos cuniculos das cidades sobe, eleva-se, ascende—ressaca trágica!—a fermentação das vidas lóbregas. A inclemência dos céus açoita-as e fazem-se amalgama nas cavernas a que mal assomam, que a borrasca fora é tormentosa. Oh! Mas a sua exaltação satura o ar, insufla tudo, ondeia, paira, entranha-se e arranha a epiderme dos accionistas da felicidade...

Entretanto eu amo o inverno.

Ele põe sobre as açucenas dos corpos femininos a volúpia soberba dos veludos. Ficam lindas! E se as peliças lhes velam o resto e só os olhos andam à vista, que delícia para os que trazem fundilhos e dentro de si, impenitentemente, o sestro do romantismo. O verão é pictural—côres, tonalidades, cambiantes! Um cair de tarde, no estio, é uma paleta iluminada espirrando azul, vermelho, oiro e violeta. O inverno, fisicamente feio, é todo espiritual. A sua equivalência não se descobre em côres, mas em sons. O inverno é musical. A sua essência cabe numa sonata. Sorriem? Duvidam? Ora ponham-se à escuta: ouçam cair a música da chuva...

A MINHA JANELA

Quelle est cette langueur
qui pénètre mon coeur?
VERLAINE.

A Natureza é uma cataracta de assombros e uma fonte de consolações. O espectáculo do homem torce-nos fibras, queima-nos os nervos, cansa, fatiga e esgota. Não há maneira de sermos indiferentes ante o seu enredo, a sua comédia e o seu drama. A impassibilidade de certos estoicos, quando não é o próprio suplicio da sufocação, nada mais representa do que um fenómeno infinitamente mais triste do que a falta da vista, do olfacto, do ouvido—porque é feita de tôdas essas privações. Só há uma espécie de impassíveis que eu admito: os falsos.

Esses, sim. A sua frieza é uma imposição da vontade à qual todos os musculos se submetem para dar um invólucro, que chega a parecer de gelo, a uma sensibilidade retractil ao menor contacto. No meio duma tempestade desgrenhada no delirio de todos os desconcertos, a calma, a placidez, a serenidade d'esses homens é qualquer coisa a um tempo formidável e graciosa porque assinala a intersecção de todos os desvarios desencadeados, o ponto em que eles, num prodigio, se abraçam e sublimam—fazendo a paz. Se alguém pudesse espreitar para dentro dessa serenidade, que dir-se-ia inviolada, fugiria tomado de confusão. Teria visto o Inferno e o Paraíso. A serenidade dos falsos impassíveis é um biombo frágil: por detrás d'ele, sem que ninguém o pressinta, há colunas de fogo, torvelinhos, explosões, ciclones. Estes impassíveis são os tais cujo estoicismo eu chamarei o próprio suplicio da sufocação. São admiráveis. Os outros... Mas o homem não é só o lobo do homem: é também o grande hipnotizador do homem, o seu mais absorvente espectáculo. Mas o homem cansa o homem—dá-lhe uma infinita sêde de suavíssimos remansos, de claridades, de silencios. É então que o homem descobre na Natureza uma fonte de consolações terníssimas, uma fonte de meigas unções apaziguadoras. Mas é preciso contemplar, saber derramar os olhos, deixarmo-nos diluir de todo até sermos apenas, sem família e sem pátria, sem pai e sem mãe, sem conhecidos nem inimigos, purificados de todos os vícios pelo grande exorcismo infável da scisma, uma alma solitária e sem raizes no infinito universo que vamos beber, sem pecado, eucaristicamente, sorvo a sorvo—em beatitude!

CREIO QUE FOI VALLÉS...

Creio que foi Jules Vallés quem escreveu alguns—talvez nos *Refractários*—haber pessoas que nascem com a ambição de conquistar na sociedade, a golpes de talento ou de audácia, uma situação só para si. Essas pessoas existem. Pobres por concessão graciosa da Providência, que as lança ao mundo sem herança, marcando-lhes um destino de refrega, elas marcham na vida ao rufar dos tambores da ambição e do orgulho, devorando-se na obstinação soberba dos seus propósitos, engulindo lágrimas amaríssimas, e trazendo na sensibilidade, com os estigmas indeleveis do sonho, as dedadas brutais da adversidade. São pálidas, sêcas, esguias, trementes de vibratibilidade como os daquela geração de que fala Musset nas *Confessions d'un enfant du siècle* e se sabem cerrar os dentes e rangê-los, mais sabem ainda, a-pesar-de tudo, nos

intermezzos do ódio que os fustiga e, a espaços, é vendaval, desenhando sobre a vida gestos que a beleza unge, porque às vezes—maravilhosamente!—esses conquistadores de glória são portadores de almas que à mais tênue vibração logo estremece e desafogam na espiritualidade dos seus murmurios. Suas mãos são desgrenhadas e frementes: seus corações teem espasmos ilimitados—e através da vida, vencendo as aspereza da jornada, no zodiaco do triunfo ou tiritando de gola erguida, fere-os a dor humana e nas frinchas do seu peito o vento de tôdas as desgraças entra sibilando e alevantando o trágico redemoínho de um profundo *miserere*. Não os percebe o vulgo, que só tem afagos para os cortejãos das suas invejas ocultas e das suas raivas ferozes: apupa-os a frandulagem que não pode fitá-los sem que as pálpebras lhes tremam de oftalmia. Essas pessoas existem—e eu sou uma delas.

ÁRVORE DO NATAL

MURCHARAM dentro de mim as crenças em que a piedade de minha mãe afeiçoou o meu espirito. Onde caíram as suas folhas mortas? ... Mas o que nelas havia de vivo, sinto que não se evolou do meu ser que, como um caniço ao vento, treme e palpita, vibrátil de ternura, aos ventos ásperos que sopram pelo mundo. Secaram as crenças, mas a minha alma não ficou árida e guarda das crenças evaporadas a paciência no sofrer, a acuidade no sentir, a sêde do divino. Sei lá... Como dizer? O meu ateísmo é cheio de unção, o meu scepticismo ávido de fé, a minha irreverência trêmula de temor. Fecho os olhos. Evoco. Regresso em saúde—mágico tormento!—aos tempos, que galopam para longe, da minha infância violada pelo sofrimento... Predestinação? Mas porque seria, porque seria que meus pais nunca puzeram diante dos meus olhos, a resplandecer de luzes e de brinquedos, a árvore do Natal de que todos os meninos gostam tanto?! Fecho os olhos. Evoco. Diviso a custo. Vejo-me de bibe, pequeno, a resar de joelhos, à hora da deita:

Padre Nosso, que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome...

Ah! Talvez os senhores duvidem, mas eu juro-lhes que quando penso que em pequeno nunca bati as palmas à roda duma árvore de Natal sinto vontade de chorar e quasi me considero tão desgraçadinho como os pequenitos descalços e sujos que, na noite da consoada, me lembro de ter visto nas ruas, com os pésinhos na lama, a tiritar, talvez com fome, e certamente com inveja da árvore de Natal—que eu não tive nunca...

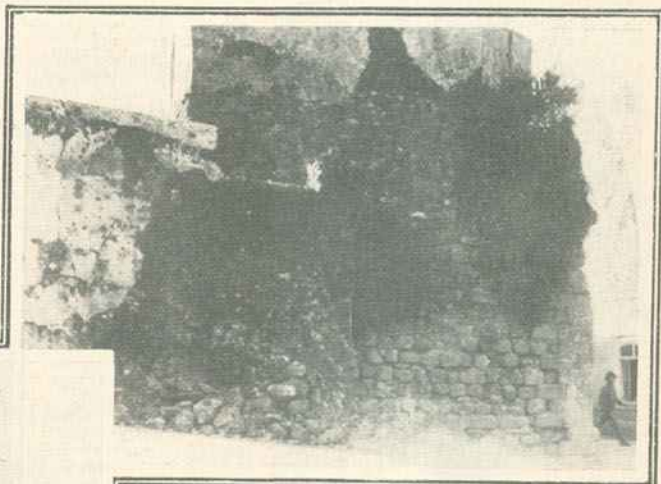
BOURBON E MENESES.



CIDADES, VILAS E ALDEIAS

O Algarve, de maravilhosa luz que é um dilúvio de ouro e onde a temperatura mesmo no inverno iguala em suavidade a da própria primavera noutras terras, apresenta o seu litoral semeado de lindas praias, que padecem de um único defeito: estarem ainda pouco menos que desconhecidas. A sua excelência como estações de repouso raras a apontam e de aí a total ausência de estímulo para o progresso das suas condições de vida. Desde que o recesso tornassem em breve competidoras não somente de muitas das mais concorridas estâncias balneares do norte do país como até algumas outras do estrangeiro, que andam nas tubas da fuma mais pelos requintes de civilização que as animam do que pela beleza dos seus dons naturais, não superiores nelas aos de que se orgulha a nossa paisagem.

Falta, em suma, as nossas praias do sul apenas um pouco mais de arte na maneira de atrair o forasteiro e uma maior soma de confortos nas instalações que lhe são oferecidas.



Ruínas do Castelo de Albufeira

Albufeira e a Luz (de Lagos). Albufeira é uma vila importante, cuja população é principalmente de pescadores. Nela há, porém, certa actividade industrial, incidindo no ramo das conservas. A seis quilómetros da estação do caminho de ferro, assentou o povoado em face de uma larga baía. Tem as suas tradições históricas, a que as ruínas dum castelo dão corpo. Aos mouros a tomou D. Afonso III, doando-a depois a ordem de Aviz. A disposição do casario da vila é das mais curiosas e cheias de pitoresco. Avança até a orla das escarpas cortadas a pique sobre o areal, que as águas do oceano invadem nas grandes marés. Ali debruçada, quem de longe a avista lembra-se de um bando de gaivotas preparando o vôo.

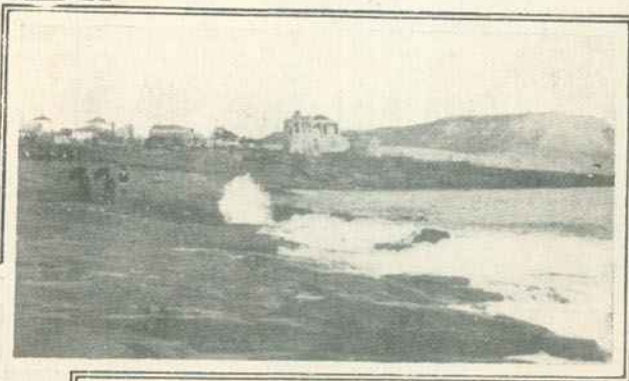
A Luz é um povoado distante de Lagos uma escassa légua.



Albufeira.—Vista da praia e de parte da Vila

Longo tempo esta região viu tolhido o seu desenvolvimento por culpa dos seus meios de comunicação. Hoje a rede ferroviária que a serve obteve tantas melhorias na sua exploração que pode sem receio garantir-se que está dado o mais largo passo para o incremento do turismo nessa bela terra de privilegiada cor e privilegiado clima. A singular capacidade organizadora do engenheiro sr. Plínio Silva, que dirige as linhas do Sul e Sueste, fica o Algarve devendo esse impulso.

Do opulento colar das praias algarvias salientamos hoje



Luz (Lagos)—Vista parcial e efeitos do mar

Aprazibilíssimo é o local e, como sucede com Albufeira, a sua labuta é, sobretudo, a de gente piscatória, havendo ali também fabrico de conservas.

Ambas já muito frequentadas por veraneantes do próprio Algarve e do vizinho Alentejo, Albufeira e Luz de Lagos não disputam honras de grandes centros nem ostentam sumptuosos casinos em que a folia assente arraiáis para nos sacudir os nervos nem tampouco exige luxuosos trajos a quem as frequenta.

Mas se a sociedade *smart* ainda as não descobriu no mapa, em compensação oferecem-nos de sobra a vida simples e reconfortante, por que almejam aqueles a quem, durante os longos meses da roda do ano, a vida frenética e ruidosa das cidades depauperou as energias.



Luz (Lagos)—Praia de banhos

UMA CASA DE SAUDE MODELAR

O maior pecado cometido pelos portugueses é, certamente, contra si mesmos, contra as suas próprias capacidades de trabalho e de progresso. Sempre que se trate de inventariar deficiências e atrasos o bom do nosso compatriota mobiliza a atenção e aguça a curiosidade. Mas lembre-se alguém de apontar-lhe

conforto e as melhores condições de higiene. Numa situação admirável, em pleno campo e a pequena distância do centro de Lisboa, num sítio que a tradição baptizou sugestivamente de *Santo António da Convalescência*, rodeada por um parque de 30.000 metros quadrados, plantado de eucaliptos, acácias e outras árvores, e defendida do vento norte por um pequena elevação de terreno, goza de um clima regular e de extrema doçura, beneficiando assim de um ar puríssimo, de uma atmosfera seca e de uma luminosidade intensa.

O seu comando clínico está nas mãos do sr. dr. Lopo de Carvalho, homem de sciência na mais alta e lidima aceção da palavra e um dos elementos mais notáveis da classe médica do nosso país. Quanto aos serviços de Raios X e electro-terapia a sua direcção está entregue ao sr. dr. Carlos Santos, Filho. Há ainda ali dois médicos permanentes, os srs. drs. Lúcio Nunes e João Galixto, que, em casos de urgência ou por indicação de qualquer clínico assistente, prestarão os seus serviços aos doentes. A enfermagem é aqui exercida por três enfermeiras suíças da Clinique Mont-Riant, de Lausanne, que lhe devotam todos os frutos de uma longa prática nos mais adiantados estabelecimentos sanitários.

A admissão na Casa de Saúde de Benfca é limitada aos doentes que necessitam de intervenções cirúrgicas, aos doentes de medicina interna não contagiosos e às pessoas fracas ou esgotadas que desejem submeter-se a uma cura de repouso num clima de planície. Estes últimos, sobretudo, conseguem resultados maravilhosos, graças à benignidade do clima e ao regime de tratamento. Duma demorada visita que nos foi dado realizar há pouco a esta magnífica estância medicinal pudemos tirar a prova da excelente orientação a que estão submetidas

mentadas num estilo moderno. O primeiro e o segundo andares destinam-se aos aposentos dos doentes, todos iluminados a luz eléctrica e dotados de um especial sistema de ventilação e de aquecimento central. Entre estes pavimentos, completamente isoladas do edificio, estão situadas as salas de operações, cheias de luz e organizadas nas melhores condições duma absoluta hygiene e asepsia.

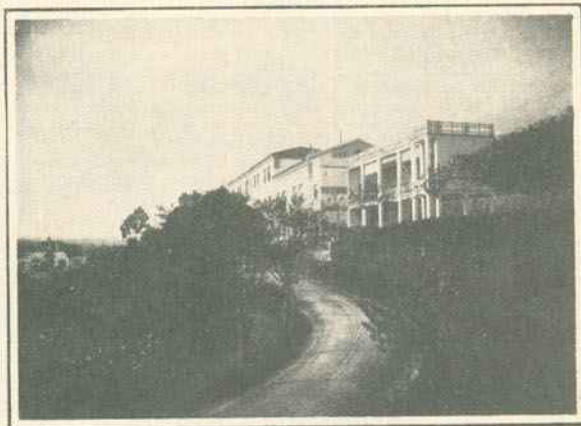
Em suma, a visita feita às instalações da Casa de Saúde de Benfca, incutiu-nos no espirito a mais favorável das impressões. Não vemos que o estrangeiro possua estabelecimentos



Dr. Lopo de Carvalho

sintomas de avanço e de aperfeiçoamento em qualquer dos ramos da vida nacional e logo o veremos encolher os ombros e esboçar o sorriso mais sceptico.

É necessário modificarmos, e quanto antes, esta abastardante atitude do espirito colectivo. A *Ilustração*, no que estiver ao seu alcance,

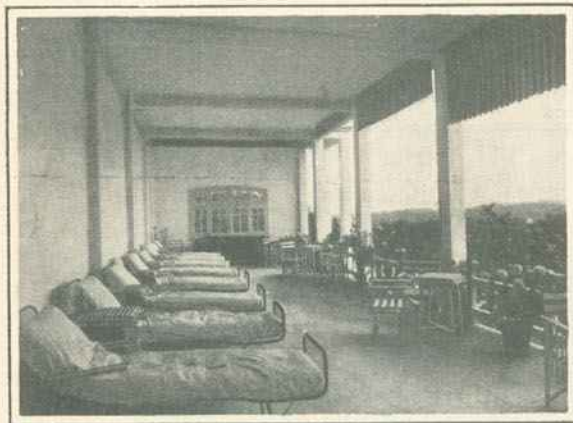


Vista do edificio

mais aperfeiçoados. Por último, confidenciemos um pormenor que nos tempos de hoje não é despidiendo: consultado o seu precario de diárias, verificámos que ele não excede o de qualquer bom hotel.

A Casa de Saúde de Benfca atesta, portanto que em matéria de terapêutica muito se tem avançado em Portugal, por mais que os pessimistas se recusem a acreditá-lo.

Quando o Estado em Portugal regateia avaramente recursos, ainda os mais imprescindíveis, aos seus hospitais, o que constitui um dos mais desoladores aspectos da nossa administração pública, a iniciativa particular afasta-se por inteiro dêsse negligente sistema: reúne importantes capitais e emprega-os dêsse modo, num alto designio humanitário, dotando o nosso país de apetrechamento sanitario igual áquele de que se gabam apenas os países mais avançados.



Galeria do repouso

há-de contribuir para isso, registando nas suas páginas, sempre que elles se lhe proporcionem, os aspectos da vida portuguesa que apresentem um franco expoente construtivo.

Está nestes casos a Casa de Saúde de Benfca, em que assenta à justa o qualificativo de modelar. O combate contra a doença encontra nela um dos seus mais fortes reductos. Os mais avançados recursos da terapêutica tem nela pronta applicação.

Recentemente remodelada e dotada de grandes melhoramentos, como a construção de amplas galerias de repouso nos extremos do edificio, os seus hóspedes usufruem nela o maior

tôdas as funções do importante organismo.

A sua construção, nos mínimos pormenores, acusa o maior desvelo pelos enfermos, que no seu âmbito podem viver libertos dos tristes scenários hospitalares, que so causam a depressão do seu espirito. No rez-do-chão ficam a sala de estar e a sala de mesa, orna-



Sala de estar

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1926

LITERATURA

AGOSTINHO (JOSÉ) — *As ultimas obras posthumas de Eça Queiroz e a critica.* — Porto, 1926; 212 p. 8.º — 8500.

ALVES MARTINS (ANTÓNIO) — *Fogueira eterna.* Poemas. — Lisboa, 1926; 123 p. 8.º e. capa il. — 5500.

ARDEL (HENRI) — *Fogo mal extinto.* Romance. Trad. de Campos Monteiro. — Porto, 1925; 306 p. 8.º — 10500.

ARDEL (HENRI) — *O sonho de Susana.* Romance. Trad. de Augusto Moreno. — Porto, 1926; 354 p. 8.º — 10500.

ASSIS ESPERANÇA — *Fimambulos.* Novelas. — Lisboa, 1925; 209 p. 8.º e. capa il. — 8500.

CAMÕES (LUIS DE) — *A chave dos Luziadas.* Prefácio, paráfrase e notas por José Agostinho. 3.ª ed. — Porto, 1926; 613 p. 8.º — 15500.

CASTELO BRANCO (CAMILO) — *Onde está a felicidade?* Romance, 9.ª ed. — Lisboa, 1925; 295 p. 8.º — 7500.

DACIANO ROCHA DA SILVA GUIMARÃES (BERTINO) — *Commercial English reader.* — Porto 1925; 123 p. 8.º

DELY (M.) — *O Tesouro sagrado.* (O mestre do silencio). Romance. — Porto, 1926; 300 p. 8.º — 10500.

DIAS (URBANO) — *Alvôres da Mocidade.* Peça em 1 acto. — Vila-Franca do Campo (S. Miguel-Açores). (1926?); 15 p.

DIAS (URBANO) — *Flôres a Virgem.* Comédia em 1 acto. — Vila-Franca do Campo (S. Miguel-Açores). (1926?); 26 p. 8.º

EÇA DE QUEIROZ — *Alves de C.ª* (Romance). 2.ª ed. — Porto, 1926; XII, 215 p. 8.º e. o ret. do A. — 8500.

EÇA DE QUEIROZ — *Correspondência.* 2.ª ed. — Porto, 1926; XVI, 312 p. 8.º — 8500.

FERREIRA (REINALDO) — *As Chaves do Paraíso.* Romance de aventuras. — Lisboa, 1926; 130 p. 8.º e. capa il. — 5500.

FERREIRA (REINALDO) — *O fantasma branco.* Romance de aventuras. — Lisboa, 1926; 156 p. 8.º e. capa il. — 5500.

FERREIRA (REINALDO) — *Punhaes misteriosos.* Romance. — 1926; 172 p. 8.º e. capa il. — 5500.

FEUILLET (OCTAVIO) — *Expição de amor.* Romance. — Lisboa, 1926; 188 p. 8.º e. capa il. — 5500.

FÓRZAS DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Camilo e o centenário* — a sua vida e a sua obra. (Colecção Patricia). — Lisboa, 1925; 10 p. 8.º il. — 2500.

FÓRZAS DE SAMPAIO (ALBINO) — *Porque me orgulho de ser portuguez.* — Lisboa, 1926; 109 p. 8.º — 5500.

GUERREIRO MURTA (JOSÉ) — *Como se aprende a redigir.* — Lisboa, 1925; 253 p. 8.º — 10500.

LAMBEL (CONDE DE) — *Onde se encontra a felicidade?* — Porto, 1926; 175 p. 16.º — 3500.

LOBO (ACÁCIO) — *Curso pratico de inglês comercial.* 4.ª ed. — Lisboa, 1925; 368 p. 8.º — 8500.

MARDEN (O. S.) — *A obra prima da vida.* Trad. portugueza de Vitor Hugo Antunes. — Porto, 1926; 280 p. 8.º — 9500.

MENDONÇA (CARLOS DE) — *Á Hora do silencio e a minha Tebaida.* Ode ao sol. — Porto, 1926; 107 p. 8.º

MORAIS (VENCESLAU DE) — *Os serões no Japão.* Crônicas. — Lisboa, 1926; 227 p. 8.º — 12500.

OHNET (JORGE) — *Uma mulher.* Romance. — Lisboa, 1926; 220 p. 8.º e. capa il. — 6500.

OHNET (JORGE) — *Visão do amor.* Romance. — Lisboa, 1926; 220 p. 8.º e. capa il. — 6500.

OLIVEIRA (ALBERTO DE) — *Vida, poesia e morte.* Prosa e verso. — Lisboa, 1926; 292 p. 8.º — 10500.

ORTEGA Y FRÍAS — *Os capta do diabo.* Romance. — Lisboa, 1926; 3 vol. 8.º com capa il. — 12500.

PINTO (AUGUSTO) — *Ele e eu.* Novela. — Lisboa, 1925; 42 p. 8.º — 4500.

ROLDÃO (HENRIQUE) — *O cego da Boa-Vista.* Crônicas. — Lisboa, 1926; 153 p. 8.º — 7500.

SCHILLER — *Maria Stuart.* Versão de Garibaldi Falcão. — Lisboa, 1925; 152 p. 8.º e. capa il. — 4500.

VIEIRA (P. ANTONIO) — *Cartas do...* coord.

nadas e anotadas por J. Lucio d'Azevedo. Tomo 2.º — Coimbra, 1926; XIII, 711 p. 8.º — 30500.

VILA-MOURA (VISCONDE DE) — *O Poeta da «Ausência».* (c. um desenho por António Carneiro) — Porto, 1926; 31 p. 8.º — 25500.

WILDE (OSCAR) — *Pensamentos e paradoxos.* Traduzidos, coligidos e acompanhados de notas criticas e biográficas, por Almeida Paiva. Pref.º do Dr. Egas Moniz. — Lisboa, 1926; 245 p. 8.º — 9500.

SCIÊNCIAS E ARTES

BESANT (ANNE WOOD) — *O mundo de amanhã.* Trad. de Fernando de Castro. — Lisboa, 1926; 271 p. 8.º — 6500.

LIBERATO (PADRE). — *Instruções sociais.* Dedicadas às classes laboriosas. — Porto, 1925; 85 p. 8.º

MARTINS (PROF. ANTONIO AUGUSTO) — *Manual do escoretoe escolar.* Desenhos de João F. Vaz Martins. — Porto, 1925; 47 p. 8.º

MENDES CORREIA — *A Antropologia nas suas relações com a arte.* — Porto, 1925; 67 p. 8.º — 5500.

MOORE (LUIZA) — *Arte de conquistar os homens* — Lisboa, 1926; 124 p. 8.º e. capa il. — 5500.

PIRES DE LIMA (J. A.) e MASCARENHAS (CONSTANCIO) — *Contribuição para o estudo antropológico de Moçambique.* (Lisboa, s. d.); p. 699-716, 8.º e. grav.

ROCHA PEREIRA (PROF.) — *Noticia histórica da cadeira de patologia médica.* (I Cent. da Régia E. de Cirurgia do Porto). Porto, 1925; 71 p. 4.º

SERRASQUEIRO (JOSÉ ADRIANO) — *Tratado de algebra elemental para os liceus.* 1.ª ed. — Coimbra, 1924; 387 p. 8.º — 10500.

SERRASQUEIRO (JOSÉ ADRIANO) — *Tratado elemental de arithmetica para os liceus.* 2.ª ed. — Coimbra, 1924; 387 p. 8.º — 10500.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FERREIRA DINIZ (JOSÉ DE OLIVEIRA) — *A missão civilizadora do Estado em Angola.* — Lisboa, 1926; 121 p. 8.º

ILHARCO (A.) — *Memórias.* Alguns apontamentos sobre a influencia da politica no exercito. — Porto, 1926; 126 p. 8.º — 5500.

MENDES CORREIA (A. A.) — *A Lealdade duma rainha portugueza.* Separata da Rev. de Est. Historicos. — Porto, 1925; 24 p. 8.º

RODRIGUES DE AZEVEDO (ALVARO DE) — *Benavente. Estudo histórico e descritivo.* Obra póstuma, continuada e editada por Ruy d'Azevedo. Lisboa, 1926; XV, 286 p. 4.º — 38500.

SILVA MONIZ (CARLOS DA) — *Os serviços de incendio na cidade de Lisboa.* — Lisboa, 1926; 87 p. 8.º

VASCONCELOS (JOAQUIM C. DE) — *O movimento nacional de 18 de Abril.* Comentários e revelações. — Porto, 1926; 304 p. 8.º e. capa il. — 15500.

RELIGIÕES

AMIGO (O) das creancinhas. (Histórias simples da Biblia). — Lisboa, 1926; 20 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

BOM (O) samaritano. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 20 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

CENTENARIO (SEXTO) da canonização de S. Tomás de Aquino em Lisboa. — Lisboa 1925; 110 p. 8.º

FERNANDES LOPES (P. MANUEL) — *Manual da confissão e comunhão.* 5.ª ed. — Porto, 1926; 776 p. 16.º e. grav.

GRANDE (O) médico (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 18 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

HISTÓRIA (A) de David. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 19 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

HISTÓRIA (A) de Moysés. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 18 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

HISTÓRIA (A) de Samuel. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 19 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

HISTÓRIA (A) de Saúl. (Hist. sim. da Biblia). — Lisboa, 1926; 19 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

HISTÓRIA acerca de Jesus. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 19 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

JESUS é o maior no reino dos Céus. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 18 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

JOSÉ e seus irmãos. (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 17 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

LENFANT (MR. L.) — *Deus existe.* As grandes afirmações. — Porto, 1925; 78 p. 8.º — 3500.

OVELHINHA (A.) (Hist. simp. da Biblia). — Lisboa, 1926; 20 p. 8.º e. capa il. e grav. — 1500.

PSALMOS e hinos. Nova col. c. 608 hinos. — Lisboa, 1926; 607 p. 16.º — 3500.

BIBLIOGRAFIA

ANSELMO (ANTÓNIO) — *Os Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional.* 1 — Códices portuguezes. — Lisboa 1926; 80 p. 8.º — 5500.

ATAÍDE e MELO (ARNALDO FARIA DE) — *O papel como elemento de identificação.* (Separata dos Anais das Bibliotecas e Arquivos. — Lisboa, 1926; 88 p. 8.º — 5500.

FREIRE (JOÃO PAULO) — *Mafra.* História, bibliografia e notas. Lisboa, 1926; 288 p. 8.º e. capa il. — 20500.

BELAS-ARTES

CAMPOS (AGOSTINHO DE) — *O Pintor Carlos Reis e as modas em pintura.* Palestra feita na sessão de homenagem ao insigne artista, organizada pelos seus discipulos no salão da Sociedade de Belas-Artes, aos 22 de Maio de 1925. — Lisboa, 1926; 32 p. 8.º — 4500.

LEAL DA CAMARA — *A Arte nas escolas industriais.* Oração de sapiência pronunciada em 12-10-1924 na E. I. Fonseca Benevides. — Lisboa, 1925; 13 p. 8.º

PINTO, SACAYEM (ALFREDO) — *Camilo na música.* (Reconstrução de uma página da história musical portugueza). — Lisboa, 1926; 91 p. 8.º — 12500.

VITORINO (PEDRO) — *Azulejos datados.* (Miscericórdia do Porto — 1628). Sep. da Rev. de Est. Historicos. — Porto, 1925; 15 p. 8.º

SCIÊNCIAS CIVIS

CÓDIGO do registro civil. Legislação, novos modelos e tabela actualizada. (Conforme a edição oficial). 3.ª ed., anotada. — Lisboa, 1925; 210 p. 8.º — 15500.

COLECÇÃO oficial de legislação portugueza no ano de 1925. 1.º semestre. — Lisboa, 1925; XXIII, 555 p. 8.º — 60500.

GUNHA DIAS — *O Desfalque do Tesouro.* Factos e comentários á administração pública. — Lisboa, 1925; 279 p. 8.º — 10500.

DEUS BARBOSA (JOÃO DE) — *Agenda fiscal* — Auxiliador do contribuinte. — Lisboa, 1926; 31 p. 16.º — 2550.

GAROFALO (R.) — *Criminologia.* Estudos sobre o delicto e a repressão penal, com um apêndice sobre os termos do problema penal por L. Carrelli. Versão portugueza com prefácio de Julio de Matos, 4.ª ed. — Lisboa, 1925; xxv, 667, viii p. 8.º — 20500.

LEI da caça, 3.ª ed. — Lisboa, 1926; 16 p. 16.º — 1550.

PEREIRA (EDUARDO VITÓRIA) — *Manual do código das execuções fiscaes.* Guia pratico para o serviço da cobrança coerciva das dividas do Estado. — Lisboa, 1925; 111 p. 8.º — 15500.

REGIMENTO da Assembleia Nacional Constituinte de 1911. — Lisboa, 1926; 43 p. 8.º

ROSA MENDES (RÓMULO DA) — *Direito politico.* — Lisboa, 1925; 183 p. — 35500.

REVISTAS RECEBIDAS

PELA «ILUSTRAÇÃO»

SEARA NOVA (Lisboa), n.ºs 75 e 76.

PORTUGÁLIA (Lisboa), n.º 4.

RENOVAÇÃO (Lisboa), n.ºs 1 e 17.

TERRAS DE PORTUGAL (Lisboa), n.ºs 1 e especial.

COLÉGIO DE PORTUGAL



pos de recreio, pomares, terras de sementeira, na qual existem dois magníficos prédios, onde funcionam as três classes de Instrução Primária: Classe Infantil, Classe de Instrução Primária e Classe de Admissão aos Liceus.

Como a quinta se presta às varias espécies de cultura agrícola e possui instalações para animais domésticos, tais como vacas de leite, porcos, coelhos, galinhas, etc., a Direcção do Colégio pensa também em criar uma *Secção de*

FUNDADO, há quatro anos apenas, por um grupo de três jovens professores que às coisas do ensino se vinham dedicando desde os seus tempos de Universidade, este colégio conseguiu, em tão curto espaço de tempo, apresentar-se como um dos estabelecimentos de ensino particular mais completos e melhor organizados do país.

O que tão depressa o impôs à consideração das famílias não foram apenas as suas condições materiais, situação, instalações, mobiliário escolar, que são excelentes; foi também, e principalmente, a sua orientação pedagógica e disciplinar, o regime de educação que nele se tem seguido.

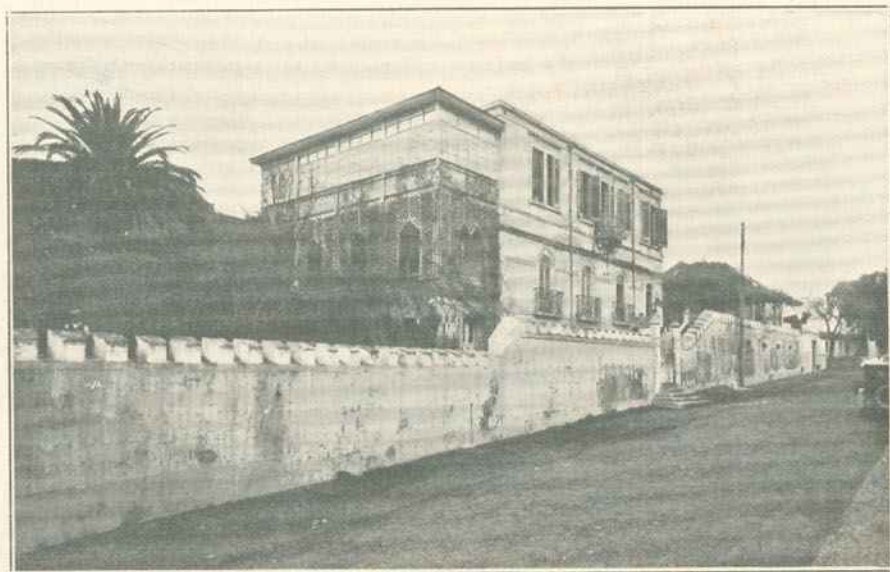
Porque o Colégio de Portugal, — importa acentuar bem este ponto, — não é apenas um estabelecimento de ensino, como tantos outros, cuja preocupação quasi exclusiva consiste em os alunos obterem no fim do ano escolar aprovação nos exames ou passagem de classe; é também, e predominantemente, uma casa de educação. Ao mesmo tempo que cuida com esmero de aproveitamento escolar dos seus alunos, não descarta a sua formação moral, por forma a prepará-los para bem desempenharem na vida, a par dos

seus serviços profissionais, os seus deveres de cidadãos.

Para poder, no próximo ano escolar, aumentar o número de alunos internos, visto os pedidos das famílias continuarem a exceder a lotação da casa, e para organizar o regime das classes infantis em condições inteiramente adequadas às suas necessidades e capacidade, a Direcção resolveu adquirir, na formosíssima povoação de Linda-a-Pastora, a 20 minutos da estação da Cruz Quebrada, na linha férrea de Cascais, uma espaçosa quinta, com vastos jardins, cam-

Ensino Elementar de Agricultura, de cujo programa estão já encarregados dois distintos engenheiros agrónomos, diplomados um pelo Instituto de Agronomia, outro pela Universidade de Louvain.

Por esta forma o Colégio de Portugal vai ao encontro da aspiração de muitas famílias e da conveniência de descongestionar as chamadas profissões liberais, desviando parte da mocidade estudiosa para a cultura da terra e procurando despertar o interesse pela instrução agrícola.



GLOBÉOL

fortifica

Sob a acção do Globeol liquido a criança mais anemiada e mais debil renasce por assim dizer devido á proliferação dos globulos vermelhos e ao seu enriquecimento em hemoglobina e em fermentos do sangue.

15 GRANDS PRIX

Établissements Chateaufort

2, rue de Valenciennes, Paris, e em todas as farmacias



Sob a forma
liquida

o Globeol, agradável de tomar é particularmente recomendavel para as crianças. É o reconstituinte ideal.

Anemia
Crescimento
Fadiga escolar

A. VINCENT, LDA - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C



«ALLO!...

As meias serão da marca

«PRINTEMPS»

À VENDA NA AGENCIA

Rua Ivens, 56 - LISBOA

ROYAL WINDSOR

O celebre
Regenerador
dos Cabellos



Restitue aos
Cabellos grisathos
a sua cor natural.
Supprime a Caspa
e suspende a queda dos
Cabellos.

Enjam nos frascos as palavras ROYAL WINDSOR
Deposito : 28 Rue d'Enghien, PARIS
A VENDA EM TODA A PARTE
Deposito para PORTUGAL
A. VINCENT Lda, 56, Rue Ivens, LISBOA

DENTIFRICOS

PASTA, PÓ, OU SABÃO

DOZ. DE 50 PP

BENEDICTINS

DE SOULAC



O BENELECTIN de SOULAC é o unico DENTIFRICO cujas qualidades hygienicas são appropriadas aos cuidados da bocca. É absolutamente inofensivo

O BENELECTIN é um producto francez UNIVERSALMENTE ADOPTADO

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens 56, LISBOA

TEINDELYS



ARYS

3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adberente
Impalpavel
(LONDRES e PARIS)

UN JOUR VIENDRA



Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS

Creme para
o rosto



Mantem o
pó e assegura
uma excelente
carreção

da uma
Cór de Lya

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

SERVIÇO DE SAÚDE

Concurso para farmacêutico-preparador

Perante o serviço de Saúde desta Companhia, está aberto, por 30 dias, a contar da data deste anúncio, o concurso documental e de provas práticas do lugar de farmacêutico preparador com o vencimento fixo de escudos 1.000 ou 160.000 mensais e subvenção temporária de 60.000 ou 700.000 mensais, conforme os documentos apresentados pelo candidato, e as regalias inerentes à sua categoria como funcionário da Companhia.

Os candidatos deverão apresentar documentos autênticos da sua idoneidade profissional e moral e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações literárias ou científicas e dos lugares que tenham desempenhado; certidão de idade que prove terem mais de 21 anos e menos de 34; certificado do registo criminal e documento comprovativo de terem satisfeito às leis do recrutamento militar.

A nomeação será tornada definitiva, findos seis meses de serviço efectivo, com todas as informações.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saúde em Santa Apolónia, todos os dias úteis, das 10 às 17 horas.

Lisboa, 3 de Março de 1926.

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
(a) Ferreira de Mesquita

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

DIVISÃO DE MATERIAL E TRACÇÃO

Admissão de pessoal

FREZADORES

Admitem-se nas oficinas desta Companhia. Para tratar dirigir-se ao escritório das Oficinas Gerais, em Santa Apolónia.

Lisboa, 3 de Março de 1926.

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Ferreira de Mesquita



Maquina de Barbear
"VALET"
Auto Strip

Evita continuas
despezas de lâminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1.º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dez segundos um fio finissimo, sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2.º Graças à qualidade do aço as lâminas podem servir 50 vezes ou mais evitando continuas despezas de lâminas novas.
- 3.º A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar a lâmina, nem de desparafusar ou desmontar peça alguma.

AGÊNCIA: LACHAUD & C.^A
44, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

Jose Orlaio & C.^a (FILHO)

Mobílias
Carpettes

CONFORTAVEIS GENERO MAPLE

R. Atalaia 36-40

TELEF. C. 3082

**REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA L^{DA}
LARGO DO CARMO 15
LISBÔA**

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

PROJECTOS DE ARQUITECTURA	ARTIGOS DE DECORAÇÃO
--	-------------------------------------

JOALHARIA DO CARMO

J O I A S

P R E S E N T E S

E

P A R A



P R A T A S

A N I V E R S Á R I O S

E

A R T Í S T I C A S

C A S A M E N T O S



SEDE NO PORTO: RUA 31 DE JANEIRO, 53

TELE } GRAMAS: AUREARTE
 } FONE: 1160

FILIAL EM LISBOA: RUA DO CARMO, 87-B

TELE } GRAMAS: AUREARTE
 } FONE: N. 1360

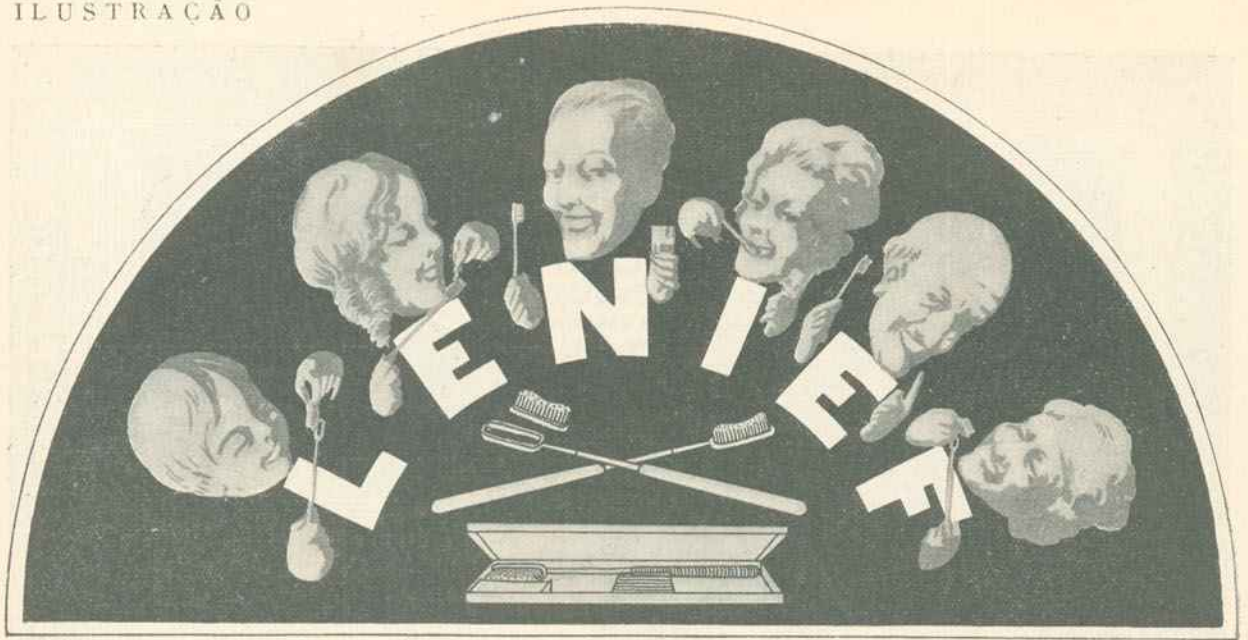
CIGARROS ARAKS



**EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA**

À venda em toda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7



PREFERI SEMPRE A ESCÓVA DE DENTES DO DR. LENIEF POR SER
 A mais Elegante || A mais prática
 A mais higiénica || E a mais económica
 VENDAS POR GROSSO

Agencia: LACHAUD & C.^A — 44, Rua dos Fanqueiros, LISBOA

Waterman

Exigi sempre a
**Caneta
 Ideal
 Waterman**

A caneta que goza de maior
 reputação no mundo inteiro

Agencia. 44 Rua dos Fanqueiros, Lisboa

Waterman

V. EX.^ª QUER TER
 AS PERNAS ELEGANTES?
 USE SEM HESITAÇÃO AS
BANDES L. DE CLARKS

*em caoutchouc muito fino de
 côr rosea e muito macio.
 INVISIVEL DEBAIXO
 DA MEIA MAIS TRANS-
 PARENTE.*
*Pela suave massagem que elas
 ocasionam durante o anda-
 mento, facilitam a circulação
 e tornam a vossa perna ele-
 gante e escultural.*

Preço esc. 35\$00 — *Porte gratis*

VICTOR CORDIER
 Rua da Prata, 275 — LISBOA
 Rua das Flôres, 136 — PORTO

POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitui o
: : nosso orgulho de fabricantes : :
TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.^{DA}



PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA

Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}
A U T O - P A L A C E

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,
HUDSON e ESSEX